

**MARIA MADALENA E O FEMININO NA CONSTRUÇÃO
DA IGREJA CATÓLICA**

MARIA FERNANDA BIRRENTTO PEREIRA

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS SOBRE MULHERES
AS MULHERES NA SOCIEDADE E NA CULTURA**

MARÇO 2011



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Sobre Mulheres. As Mulheres na Sociedade e na Cultura realizado sob a orientação do Professor Doutor Manuel Lisboa.

Dedicatória pessoal

Uma palavra de agradecimento ao Professor Doutor Manuel Lisboa, pela orientação no plano curricular e dissertação de mestrado, pelo seu importante contributo na realização deste trabalho, e por tê-lo tornado possível. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Helena Alexandre, Cristina Proença, Nuno David Santana e Susana Rodrigues Primavera, a ajuda técnica, bem como a Cristina Rodell e a Marina Birrento pelo seu incentivo à realização deste Mestrado.

[RESUMO]

MARIA MADALENA E O FEMININO NA CONSTRUÇÃO DA IGREJA CATÓLICA

Maria Fernanda Birrento Pereira

Palavras-chave: Representações; Religião; Maria Madalena; Género; Desigualdades

Na presente dissertação, analisa-se a história de Maria Madalena e a sua importância para a Igreja Católica, bem como a alteração da influência da sua imagem, depois do discurso feito pelo Papa Gregório I, em 599 d.C. no qual considerou Maria Madalena pecadora adúltera e possessa, porque Jesus lhe teria expulsado do corpo sete demónios. Os sete demónios, símbolos dos sete pecados mortais - que Maria Madalena nunca cometeu - não passam de uma confusão entre os chamados “Sacerdotes dos Sete Demónios”, a quem competia controlar os casamentos dinásticos, preparando as almas, as raparigas jovens, para o casamento sagrado, costume ainda em vigor nos tempos de Jesus. O casamento de Jesus com Maria Madalena vinha repor a polaridade feminina que faltava ao Deus patriarcal judaico, de que Jesus tanto falava. Deste modo, esse casamento concretizaria as profecias do Sacerdotes de Qumram, registadas no *Manuscrito de Cobre* sobre a vinda de dois Messias. Maria Madalena seria o Messias feminino esperado, “o Messias das Virtudes” da linhagem dos Macabeus, Sacerdotes Angélicos de Qumram. Jesus, o outro Messias esperado, descendia da linhagem guerreira de David. Estes factos talvez causassem temor à Igreja de Gregório I, levando-o a afastar a imagem benéfica de Maria Madalena e o seu culto substituindo-a com uma nova versão de Madalena, evitando assim perguntas sobre a sua verdadeira história, que era também a história dos primórdios do Cristianismo. Maria Madalena, considerada por Jesus sua companheira e sua igual, era constantemente contestada pelos outros apóstolos. Com efeito, a sua condição feminina e de mulher culta suscitava nos apóstolos um sentimento de grande rivalidade, por se considerarem superiores enquanto homens, de acordo com a mentalidade da época. Depois da crucificação, Maria Madalena reuniu os discípulos, transmitindo-lhes força através das palavras do Mestre, assim nos mostra o seu Evangelho cuja autoria lhe é atribuída, bem como o Evangelho de Filipe. Mais tarde, parte para Sul de França, buscando refúgio, acompanhada por alguns apóstolos. Durante séculos a sua história influencia toda a região da Aquitânia e nessa região nasce uma cultura original, a do povo cátaro, “ou puro”, baseada nos valores igualitários do Cristianismo primitivo, transmitidos pela sua Igreja do Amor ou a Igreja Invisível, como também era conhecida, por se manter independente da Igreja de Roma. No âmbito da cultura cátara, na região rica de Provença, surge o movimento da poesia trovadoresca, o “Amor Cortês”, cujos valores de respeito pela dama se inspiravam “para muitos”, em Maria Madalena considerada a *Dompna* cantada pelos trovadores. O modelo do amor cavaleiresco foi surpreendentemente aceite. Os valores de igualdade entre homens e mulheres começaram a ser cantados e divulgados, numa tentativa, embora não muito consciente, que iria contribuir para o renascimento da ideia de igualdade de géneros, nos séculos XII e XIII, na Europa.

[ABSTRACT]

Mary Magdalene and the Feminine the Construction of the Catholic Church

Maria Fernanda Birrento Pereira

Key Words: Representations; Religions; Madgalene; Gender; Inequalities

This dissertation examines the history of Mary Magdalene, its importance within the Catholic Church and the transformation of her image from the 599 AD Pope's Gregory I speech, where he stated that Mary Magdalene was a sinner, adulterous and possessed woman, since Jesus would have driven out seven demons from her body and that the seven demons would be a symbol of the seven deadly sins, that (Mary never committed). More likely, she had been closely watched by the "Priests of the Seven Devils" that had a role in controlling the dynastic marriages, preparing *almah* - young girls - to the sacred marriage, a custom that was still alive in Jesus' time.

The marriage of Jesus and Mary Magdalene came to restore the missing female polarity in the image of Jewish patriarchal God, materializing models predicted by the priests of Qumran about the coming of two Messiahs described in *Copper Manuscript*. Mary Magdalene was the expected female Messiah: "The Messiah of Virtues" from the lineage of the Maccabees, the angelic priests of Qumran and the other expected Messiah Jesus, from the warrior lineage of David. All these facts may have awakened fears in the Catholic Church, which may lead to the removal of Mary Magdalene's image and her cult through her disqualification, distracting the believers with this new version of Magdalene, and avoiding questions about her true history, which was also the story of the principles of Christianity. Mary Magdalene was seen by Jesus as his equal partner. She was also a literate woman, and as such constantly challenged by the other apostles, based on the idea of superiority of men over women. After the crucifixion, Mary Magdalene met with the apostles and transmitted them strength, through the words of the Master, as shown in her Gospel and Philip's. This knowledge was with her when she, with a few other apostles, sought refuge in southern France. For centuries her history influenced the entire region of Aquitaine. In this region developed a unique culture – the Cathar, or pure - governed by egalitarian values of early Christianity, a characteristic of their Church of Love or invisible church, also was known for being independent of the Church of Rome. Within the Cathar culture, in the rich region of Provence, was born the movement of troubadour poetry: the "Courtly Love" inspired by values of respect for the lady. For many, Mary Magdalene was the *Dompna* sung by troubadours. The model of chivalrous love was surprisingly accepted. The values of equality between men and women began to be sung as an attempt, though not fully conscious, of the rebirth of the idea of gender equality, in the twelfth and thirteenth centuries in Europe.

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| OBJECTIVOS E METODOLOGIA | 3 |
| DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO | 4 |
| CAPÍTULO 1..... | 6 |
| GÉNERO E RELIGIÃO, AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS E O PODER DA LINGUAGEM | 6 |
| 1. 1. CONSTRUÇÃO SOCIAL DE DESIGUALDADE DE GÉNERO..... | 6 |
| 1.2. <i>O género e a religião.....</i> | 9 |
| 1.2.1. <i>O que é a religião?</i> | 10 |
| 1. 3. REPRESENTAÇÃO SOCIAL | 10 |
| CAPÍTULO 2..... | 12 |
| AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IGREJA CATÓLICA..... | 12 |
| 2.1. A IGREJA E A SUA MORAL..... | 12 |
| 2.2. REPRESENTAÇÃO SOCIAL FEITA PELO PAPA GREGÓRIO I..... | 12 |
| 2.3. SUPLEMENTAÇÕES, ACRÉSCIMO DE ATRIBUTOS..... | 15 |
| 2.4. O PODER DAS PALAVRAS | 16 |
| CAPÍTULO 3..... | 18 |
| AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE MARIA MADALENA | 18 |
| 3.1. MARIA MADALENA E O CONTEXTO HISTÓRICO RELIGIOSO E POLÍTICO | 18 |
| 3.1.1. <i>Maria Madalena era Zelote</i> | 20 |
| 3.1.2. <i>Maria Madalena, nascimento, origens do seu nome, linhagem e status</i> | 20 |
| 3.1.3. <i>Maria Madalena, local de nascimento e de iniciação.....</i> | 22 |
| 3.1.4. <i>Maria Madalena, educada e vigiada pelos Sacerdotes dos Sete Demónios</i> | 23 |
| 3.1.5. <i>Maria Madalena nos Evangelhos, amada e contestada.....</i> | 25 |
| 3.2. MARIA MADALENA E O RITUAL DA UNÇÃO | 28 |
| 3.2.1. <i>As origens e significados das unções com óleos</i> | 30 |
| 3.2.2. <i>Maria Madalena e o ritual da unção ou Hieros Gamos.....</i> | 31 |
| 3.2.4. <i>Casamento Dinástico era preparado com regras</i> | 34 |
| 3.2.5. <i>Nos tempos de Maria Madalena o povo tinham contratos de casamento.....</i> | 34 |
| 3.2.6. <i>A prostituição sagrada.....</i> | 35 |
| 3.3. OS SACERDOTES DE QUMRAM E A SUA VIDA NO DESERTO DA JUDÉIA..... | 36 |
| 3.3.1. <i>Os Sacerdotes de Qumram e a Ordem de Melquisedeque</i> | 37 |
| 3.3.2. <i>Os Essênios e a sua existência em Qumram</i> | 37 |
| 3.3.3. <i>O Pergaminho de Cobre encontrado em Qumram previa dois importantes Messias.....</i> | 38 |
| 3.3.4. <i>Maria Madalena seria o outro Messias esperado</i> | 38 |
| 3.3.5. <i>Regras do casamento Dinástico.....</i> | 40 |
| 3.3.6. <i>Ritual da unção e do vinho sagrado no casamento</i> | 41 |
| 3.3.7. <i>Casamentos dinásticos, profecias e o Graal</i> | 42 |
| 3.3.8. <i>Sucessão e regras para o nascimento dinástico</i> | 44 |
| 3.4. A HISTÓRIA DO ACHADO DO EVANGELHO DE MARIA | 45 |
| 3.4.1. <i>Evangelho de Maria Madalena ou Evangelho da Visão</i> | 45 |
| 3.4.2. <i>Outros textos escritos em nome de Maria Madalena.....</i> | 46 |
| 3.4. 3. <i>Evangelho de Maria seu texto e as citações e a sua visão espiritual</i> | 46 |

| | |
|---|-----------|
| 3.5. EXISTEM MUITOS TEXTOS, DOCUMENTOS, MANUSCRITOS, OBRAS DE ARTE | 49 |
| 3.5.1. <i>A chegada das cinco mulheres apóstolas à Provença envolta na lenda</i> | 50 |
| 3.5.2. <i>A Dompna ou Maria Madalena dos trovadores cátaros</i> | 52 |
| 3.5.3. <i>O casamento de Maria Madalena com Jesus</i> | 53 |
| 3.6.1. <i>A região de Provença do reino Aquitânia governada por Guilherme IX</i> | 56 |
| 3.6.2. <i>O conde Guilherme IX, o primeiro cavaleiro Trovador de Aquitânia</i> | 57 |
| 3.6.3. <i>Os Ideais da Cavalaria e o Amor Cortês como “modelo</i> | 58 |
| 3.6.4. <i>A repercussão do modelo</i> | 58 |
| 3.6.5. <i>O movimento da poesia trovadoresca</i> | 58 |
| 3.6.6. <i>O povo cátaro, a sua história e os direitos das mulheres</i> | 59 |
| 3.6.7. <i>Os cátaros acreditavam que as mulheres eram habitadas pelo Espírito Santo</i> | 60 |
| 3.6.8. <i>As crenças religiosas da Igreja do Amor do povo cátaro</i> | 60 |
| 3.7. OS CONCÍLIOS DA IGREJA DE ROMA E OS SEUS DECRETOS | 61 |
| 3.8.1. <i>Leonor de Aquitânia descendente de Maria Madalena</i> | 63 |
| CONCLUSÃO | 65 |
| BIBLIOGRAFIA | 69 |
| MAPAS | 77 |

Introdução

A presente dissertação analisa certas fontes escritas sobre Maria Madalena e toda a ambiguidade protagonizada pela sua figura, e o poder da Igreja Católica enquanto instituição na construção de uma representação social da mulher, baseando-se nos seus conceitos sobre a essência do feminino.

A história contraditória de Maria Madalena leva a confundi-la algumas vezes com o mito, pelo modo como a sua imagem nos é apresentada por certas fontes escritas, a partir das quais algumas das suas representações são sustentadas. Este estudo analisa as diversas representações sociais de Maria Madalena, desde a Igreja primitiva (135 d.C.) até ao discurso do Papa Gregório I, na Páscoa de 599, no qual declarou ser Maria Madalena uma adúltera pecadora possessa. Esta afirmação do Papa, pelo seu poder simbólico, anulou todas as representações sociais benéficas e da Igreja primitiva. Essa afirmação nunca suscitou dúvidas à hierarquia da Igreja, dando lugar a uma nova imagem, que no decorrer dos tempos se foi transformando na única representação de Maria Madalena: a de “pecadora arrependida”.

Este estudo pretende analisar especialmente os objectivos desta nova representação de Maria Madalena e descobrir em que se fundamentava a natureza dessa declaração. Saber se essa atitude está relacionada com as questões da condição feminina, ou se haveria razões ainda mais fortes, de natureza doutrinal, divulgadas pelo Evangelho atribuído a Maria Madalena, é o objectivo fundamental desta análise. Isto é, procura-se compreender através da análise de certas fontes escritas e iconográficas, se esta representação serviu, ou não, como dispositivo de repressão e controle da Igreja, para os seus fins de domínio, por meio de normas que visavam especialmente os costumes da sociedade especialmente os relacionados com as mulheres. A Igreja Católica, constituída desde o início por homens, foi habituada por tradição histórica a associar o poder com o masculino. Por essa razão, usaram essa vantagem no sentido de reforçar o seu domínio dentro e fora de instituições, não deixando que a participação feminina influenciasse a sua mensagem patriarcal. Os seus discursos impregnados de catequese transformaram abstracções em realidade, modelaram em grande parte as relações sociais e a própria sociedade. A hierarquia da Igreja, com o decorrer dos tempos foi-se tornando cada vez mais autoritária, decidindo sobre a vida das pessoas e acontecimentos. Por isso, se alguma mulher se

destacasse fazendo perigar os seus ensinamentos seria imediatamente afastada de cargos hierárquicos. Da mesma forma, a sua influência seria, se necessário, completamente neutralizada, por meio de estratégia várias. No caso de Maria Madalena foi construída uma nova representação da sua imagem. As representações se analisadas à luz de certas teorias podem ser melhor compreendidas. Toda a representação se refere a um objecto ou sujeito e tem um conteúdo, e quem a formula é um sujeito social imerso em condições específicas do seu espaço e tempo (Moscovici, 1978), as condições da criação da representação afirmam com veemência a marca social das representações, assim como o seu estatuto epistemológico marca a sua função simbólica, e os processos e estados, o seu carácter prático (Jodelet, 2002,21). Através dessa forma, vemos como a representação social encadeia acção, pensamento e linguagem nas suas funções primordiais de tornar o não familiar, conhecido, possibilitando a comunicação e obtendo controlo sobre o meio em que se vive, compreendendo o mundo e as relações que nele se estabelecem (Jodelet, 2002). Ao ser produção simbólica destinada a compreender e balizar o mundo, ela provém de um sujeito activo e criativo, tem um carácter cognitivo e autónomo e configura a construção social da realidade. “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objectivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2002, 22).

A pertinência deste estudo reside no contributo para a compreensão de factores históricos, divulgados por alguns cientistas, que podem facilitar o trabalho sobre a temática escolhida, assente na análise sobre a forma da construção do feminino pela Igreja Católica, que projectou para a sociedade uma nova imagem de Maria Madalena, retirando-lhe desta forma, toda a sua anterior influência. Por essa razão, optou-se por dar igualmente relevo a obras e estudos de cientistas, cujos trabalhos e referências de publicações são da Biblioteca copta de Nag Hammadi, na Universidade de Laval, no Canadá, e às edições organizadas por E.J. Brill em Leyde, na Bélgica, assim como trabalhos em que E. J. Brill colaborou na Universidade de Estrasburgo sobre o Evangelho de Tomé (Leloup, 2006, 21). Confere-se igual relevo às obras de Barbara Thiering, filósofa, L. Gardner e Jean-Yves Leloup, este último tradutor do copta saídico. Estes três investigadores independentes divulgam informação preciosa sobre o tema escolhido. Toda a documentação referida foi encontrada em várias zonas de Jerusalém; os *Manuscritos de Cobre* e os *Manuscritos do Mar Morto*, encontrados

nas imediações do Mosteiro de Qumram, a sul de Jerusalém, nas grutas de Nag Hammadi, em 1945. Também foram consultadas obras de alguns especialistas na área da linguística, como por exemplo, Cruden, que tem trabalhos realizados sobre o Novo Testamento, nos quais demonstra e comprova os erros de tradução de certas palavras, e de interpretação de certas afirmações, que alteraram o verdadeiro sentido dos textos. No decorrer do trabalho reflecte-se e analisa-se a forma de pensar e de comunicar na Antiguidade, diferente da de hoje, pois referiam-se a outros padrões de cultura. A ideia da desigualdade social e dos géneros é bem vincada. Em todas as temáticas investigadas por variados cientistas existem preciosas fontes, pistas relacionadas com o mundo feminino que nos podem conduzir a uma melhor compreensão da sua história e das circunstâncias que determinaram a ideia da inferioridade da mulher. Essa noção foi desenvolvida na perspectiva do poder masculino e tem sido constantemente usada para afastar a mulher dos centros de poder.

Objectivos e metodologia

Este estudo tem como objectivo analisar comportamentos e atitudes, representações, da história de Maria Madalena, através de várias fontes escritas pouco divulgadas que são reveladoras da ocultação da mensagem e da deturpação de alguns factos da sua vida. Em todas essas fontes escritas, pretende-se identificar as práticas de exclusão usadas na Igreja primitiva em relação ao Evangelho a si atribuído, indagar se não haveria algum outro factor revelador que esta discípula fazia perigar. Maria Madalena foi considerada por João o “apóstolos dos apóstolos” por estar muito próxima do Mestre e ser a anunciadora da ressurreição deste. Por todos esses motivos, pretende-se compreender e diagnosticar certas práticas de comportamento da Igreja Católica. Saber como algumas formas repressivas, documentadas pela própria Igreja, afastaram a influência feminina no seio da Igreja e, por conseguinte, no resto da sociedade.

Neste trabalho, pretende-se analisar as intenções e compreender as motivações desta afirmação pública, feita pelo Papa, passados seis séculos do nascimento do Cristianismo, que deram origem a uma nova representação de Maria Madalena. O discurso do Papa Gregório I, o Magno, no ano 599d.C. - *Magdalena quae fuerat in civitate peccatrix* -, seria o mesmo texto que da Santa passaria para História (Dias, 2006, 119).

A partir desta mudança da imagem de Maria Madalena, pretende-se saber de que forma influenciou a sociedade. No século IV, tinha-se começado a desenvolver a ideia de pecado através da carne (Dias, 2003, 117). Essa nova teologia deve-se a Santo Agostinho (354-430), que afirmou: “A natureza humana é intrinsecamente má e nascida do pecado”.

Para a realização do estudo optou-se pela metodologia qualitativa em relação à bibliografia escolhida. Deste modo, assinala-se fragmentos de acontecimentos que tenham relevo para este estudo, como discursos, afirmações sobre factos relacionados com as questões deste estudo, em contextos históricos e religiosos, registados em documentos das fontes escolhidas. Mas sempre integrados num estudo geral, fazendo uma incursão especial à leitura disponível sobre a História das Mulheres e à leitura de carácter religioso, e também a livros, mapas, iconografias, achados da Arqueologia relacionados com o tema desta dissertação. Podendo deste modo visualizar e interpretar histórias e as representações de imagens mitológicas, relacionadas com o mundo das mulheres.

No decurso da pesquisa foram constituídos e desenvolvidos os principais procedimentos: a investigação bibliográfica e documental, análise da influência do mundo feminino dentro da Igreja Católica e na sociedade e nos dispositivos usados que contribuíram para o seu afastamento desta.

Desenvolvimento do trabalho

O tema e as problemáticas aqui em estudo serão tratados em quatro partes. O primeiro capítulo respeita à introdução e ao enquadramento analítico das teorias relacionadas com o tema da dissertação. Teoria das representações sociais e das suas construções sociais, dando especial enfoque a todas que dizem respeito ao mundo feminino.

O segundo capítulo apresenta a análise e reflexão sobre algumas representações sociais originadas na hierarquia Igreja Católica, que influenciaram o mundo cristão através dos tempos.

O terceiro capítulo versa sobre a história de Maria Madalena e o seu tempo, a sua influência não só dentro do universo cristão. Descreve a maneira como a sua representação social acabou sendo construída a partir da Igreja Católica e influenciou

toda a cristandade até aos nossos dias, tendo em conta os seus reflexos na sociedade em geral.

Por fim, apresentam-se as conclusões resultantes de numa síntese relevante sobre as questões que se pretendem mostrar, analisadas partir das duas perguntas iniciais e de outros dados que surgiram no decorrer do desenvolvimento da história, evidenciando-se algumas questões pertinentes para aprofundamento futuro.

CAPÍTULO 1

GÉNERO E RELIGIÃO, AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS E O PODER DA LINGUAGEM

Neste capítulo é feita a análise de alguns conceitos e teorias, o poder da comunicação e a linguagem, e os seus reflexos e influência dentro de algumas sociedades. Certas teorias e conceitos foram sofrendo modificações, causadas pelo desenvolvimento geral do próprio meio, influenciadas por interesses de várias ordens, resultando desse modo na sua própria renovação, o que é um sinal resultante da sua adaptação aos movimentos evolutivos de reforma da própria sociedade. É ao mesmo tempo, sinal da necessidade da sua própria continuação, compreendida na perspectiva do conceito de sociedade de construção normativa.

Sabendo como uma reflexão e análise sobre estas questões podem ajudar a tornar mais claro os papéis nas relações sociais de género, nas suas representações através da comunicação e do poder da construção da linguagem, relaciona-se teorias e conceitos com algumas questões pertinentes evidenciadas no tema desta investigação que facilitará uma melhor compreensão das razões e motivações que levaram ao seu aparecimento.

1. 1. Construção social de desigualdade de género

A definição de género homem, mulher, que inicialmente era feita a partir das características biológicas, foi alterada. Actualmente, generalizou-se a ideia de que o ente humano nasce sexualmente neutro e que é a sociedade que constrói os papéis masculinos ou femininos. O “género” é um papel socialmente construído (Giddens, 2001, 111; Crompton, 2006; Butler, 1990; Foucault, 1977). “O que é ser-se um homem? O que é ser-se uma mulher? Pode pensar-se que ser-se um homem ou uma mulher é algo associado em última instância com o sexo do corpo em que nascemos” (Giddens, 2008, 108; Foucault, 1984).

O género, enquanto construção social, manifesta-se a todos os níveis, desde o individual ao social (Holmes, 2007; Amâncio1994; Beauvoir, 1987). É dentro de um contexto de *modelo dominante masculino* que a construção social de género em torno

de características biológicas de sexo se foi manifestando e se reflecte no espaço social e cultural em que as mulheres e os homens se vão socializando. (Beauvoir, 1987; Amâncio, 1994; Foucault, 1977). Por isso, ser mulher é uma questão de trajectória na formação da ideia de género, e não só uma mera formação genital externa.

Todas as problemáticas associadas ao género são reproduzidas socialmente no seio de um paradigma de dominação do género masculino, dentro das relações sociais de género (Butler, 1990; Foucault, 1984; Giddens, 2008). O género não existe simplesmente como alguns sociólogos afirmam, “fazemos o género” nas interacções sociais que estabelecemos diariamente com os outros (Giddens, 2008, 108; Crompton, 2006; Butler, 1990). Não é a natureza, mas a sociedade que impõe à mulher certos comportamentos e certas normas diferentes que envolvem quer a simbólica quer concretamente a subordinação do seu género ao género masculino (Moscovici, 1978; Holmes, 2007; Amâncio 1994; Beauvoir, 1987; Butler, 1990). A construção das relações de género têm raízes estruturais e, embora social e culturalmente contextualizadas, definem papéis e atributos a homens e mulheres por vezes dicotómicos e quase opostos – o homem provedor e a mulher reprodutora/cuidadora (Ferreira, 1999; Crompton, 2006; Amâncio, 1994; Foucault, 1984; Perrot, 1996; Lisboa, 2009, 86-87) lembra que a história das mulheres e a história do género estão interligadas. Este situa-se no campo relacional, porque só se concebe mulheres se elas forem definidas em relação aos homens (Perrot, 1996; Lisboa, 2009).

Desde a Antiguidade que existem estas discussões, que começaram muitas vezes com interrogações sobre o sexo dos deuses (Loraux, 1981; Foucault, 1991). Por exemplo, na cultura arcaica e clássica, *theós*, *théa* é uma deusa, mas basta que surja a tentação de unificar o divino num só princípio, para que a dúvida se instale. Dúvidas que surgem dentro das questões do género, que desde a Antiguidade são mescladas pelas questões de inferioridade do feminino em relação ao masculino. (Duby et al., 1993, v.1; Lisboa, 2009, 86; Freud, 2002; Foucault; 1977; Giddens; 2008).

A partir do momento em que o Zeus é o todo – como para o grego Crisipo -, já não há deuses machos ou fêmeas, mas apenas nomes, a que se atribui um género gramatical. A não ser que o género seja uma simples metáfora do género feminino (Loraux, 1981; Foucault, 1977). Na Grécia das épocas arcaicas, “coisa divina” é designada no neutro (*to thion*) e como deus (*théos*), no masculino. Há deuses, mas o divino não se enuncia no feminino. Nestas descrições, o que fica claro são interpretações masculinas, porque ao mesmo tempo que pairam no ar discussões e

dúvidas, aparecem igualmente narrações sobre deusas que evitam mostrar o seu lado divino. Como no caso da deusa Afrodite, que escondia a sua natureza divina ao pastor Anquises, quando possuída por um violento desejo por ele. Os próprios gregos contavam que Afrodite tomou forma e estatura humana de uma virgem, para que o mortal Anquises não tivesse medo do seu lado divino (Duby et al., 1993, 37 vol.1). Mas este, não se deixando iludir, chama-a pelo seu nome *Soberana*, interrogando-a sobre a sua identidade divina (Ártemis, Leto, Afrodite, Ténis, Atena, uma cáríte ou uma ninfa?). O que Afrodite se apressa a desmentir, por estar tomada de desejo por ele e por medo de perder a conquista (Duby et al., 1993, 37 vol.1). Em toda a narração é bem evidente que as deusas eram consideradas divinas, mas apesar de tudo, os gregos continuarem a suscitar dúvidas sobre a palavra *théos* que ora consideravam do género masculino, ora consideravam do género feminino, embora se dirigissem sempre a Afrodite, chamando-a por *théos* (Loraux, 1881).

Todas estas narrações fazem pensar que ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos (Perrot, 1996; Giddens, 2008; Foucault, 1984; Butler, 1990).

Construção social é qualquer identidade institucionalizada ou artefacto, num sistema social “inventado” ou “construído” por participantes numa cultura ou sociedade em particular, e que existe porque as pessoas concordam em agir como se ela existisse de facto, seguindo determinadas normas. Um exemplo de uma construção social é o *status* social (Berger & Luckmann, 2004; Holmes, 2007). Desde sempre o género foi um assunto de grande controvérsia. Quando alguns filósofos da Antiguidade descreviam o género, o que transparecia eram os problemas das questões de género. As Filosofias do género de Platão, Aristóteles, Sócrates e de muitos outros, estão revestidas por factos e reflexões geradores de grandes polémicas, por estas serem confusas e contraditórias, especialmente hoje, à luz dos nossos padrões culturais. Aristóteles, em *A História Animalium*, afirmava que a mulher é fêmea em virtude de certas características e é mais vulnerável: chora com mais facilidade, é mais afectada à inveja, à lamúria, tem menos pudor, tem menos ambição, é menos digna de confiança, etc. (Duby, et al., 1993, v.1, 86). Não é demais relembrar que nesses tempos, todas as discussões sobre o género eram sempre entre homens; filósofos, médicos, poetas. As mulheres estavam ausentes da vida em sociedade, remetidas para o mundo privado. Raras eram as que tinham acesso à educação e ao convívio (Perrot, 2005; Beauvoir, 1975; Amâncio, 1994; Humm, 1995; Quéré, 1982; Janson, 1977;

Josephus, 2008; Lisboa, 2008). Desta forma, os homens tinham o campo livre para as suas discussões sobre o género e naturalmente foram influenciando todo o pensamento da sociedade. Segundo a investigação e análise de Giulia Sissa, no 1º vol. *História das Mulheres*, o género feminino era visto pelos filósofos da Antiguidade grega como: “Ideia de uma menor qualidade, de uma inadequação, de um não estar à altura - lacuna, mutilação, imperfeição - confere ao saber dos Gregos um sabor de desagradável acidez”. (Duby, et al., 1993, vol.1, 86). Naquele volume, em todo o capítulo “Filosofias do Género”, há afirmações de tal forma demolidoras no que diz respeito à mulher, que a autora deste capítulo, a filósofa Giulia Sissa, faz o seguinte comentário: “O equilíbrio isonómico torna-se precário quando nos percebemos da injustiça dos raciocínios, da estupidez desses discursos, que são considerados como o que de melhor se disse, o que de melhor se pensou, construiu e reflectiu sobre o ser humano na tradição ocidental” (Duby, et al., 1993, vol.1, 86).

1.2. O género e a religião

Nas hierarquias das principais religiões, tal como noutras áreas da vida social, as mulheres foram, e são na maioria das vezes, excluídas dos centros de poder, como foi o caso muito evidente no Cristianismo a partir do século IV (Delumeau, 1983; Josephus, 2008; Lutterworth, 1994; Michelet, 1974; Santo, 2000). Na Bíblia, existem muitas personagens femininas e algumas são retratadas como tendo agido com caridade e bravura, mas os papéis principais são reservados ao homem. Não há nenhuma mulher equivalente a Moisés, por exemplo, e no Novo Testamento todos os apóstolos são homens (Giddens, 2008, 546).

No Cristianismo, é a figura masculina do Deus Pai e a do filho Jesus que tomou forma humana que estão na origem do poder da Igreja. O carácter masculino desta religião levou Elizabeth Cady Stanton a afirmar: “O carácter masculino não reflecte a visão autêntica de Deus, mas o facto de ter sido escrita por homens” (Santos, 2000; Stanton, 1895; Perrot, 2005).

A Hierarquia da Igreja sempre teve o cuidado de afastar qualquer influência feminina do seu seio e, quando surgia algo que punha em perigo a continuação do seu poder masculino, não perdia tempo em arranjar medidas de aniquilamento com os seus discursos sobre o género (Delumeau, 1983; Lancel, 1999).

1.2.1. O que é a religião?

No Ocidente, a maioria das pessoas identifica a religião com o Cristianismo - uma fé num supremo, que obriga a um comportamento de índole moral na terra, e nos promete uma vida além da morte. No entanto, não podemos certamente definir nestes termos a religião como fenómeno global (Giddens, 2001, 535; Santo, 2000). As características de que todas as religiões parecem partilhar, implicam um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de *reverência* ou de *temor*, ligados a rituais ou cerimónias (como os serviços religiosos) realizados por uma comunidade de crentes. Cada um destes elementos deve ser alvo de explicação. As religiões envolvem deuses, outras acreditam e veneram uma força divina, outras Mestres, como Buda ou Confúcio.

Segundo Moisés Espírito Santo (2000, 154) “a religião é um produto/reflexo do social, um sistema simbólico que tem a função de justificar e caucionar a cultura que se quer projectada no transcendente”.

Há portanto uma grande variedade de crenças e de organizações religiosas que levam a que muitos estudiosos tenham muita dificuldade em chegar a uma definição de religião genericamente aceite (Santos, 2000; Giddens, 2001; Foucault, 1991; Thiering, 1992). Por isso, muitos estudiosos chamam a atenção para o facto de não se poder analisar qualquer sociedade e o seu contexto social cultural e as suas mudanças, sem se focar nas atitudes religiosas. A cultura e as instituições religiosas podem não se deixar questionar enquanto as atitudes religiosas deixam-se analisar e até desnudar (Santos, 2000, 154; Freud; 2002; Gardner; 2005; Cruden; 1891; Strauss, 1981).

1. 3. Representação social

Moscovici iniciou e formulou uma nova teoria das representações sociais que demonstra que a construção simbólica colectiva propicia a manutenção de uma identidade social, consequentemente de um critério para definição de um outro.

Segundo Moscovici, o conhecimento é construído pelo pensamento simbólico que significa a possibilidade de representar um objecto através de outro, bem como um objecto significa vários outros (Moscovici, 1978).

Este pensamento teria uma génese na comunicação social. O simbólico recém-introduzido, ou edificado no grupo, são agrupados a outros, que os contextualizam, que explicitam os seus sentidos. Uns mais arreigados a valores do grupo, servem de base para ancoragem de novos. Este esquema de concatenação de símbolos define um grupo de conceitos. A fixação de um conceito é o reflexo de um conflito de interesses que se estabelece no interior do grupo. Moscovici afirma ainda: “As representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica ou mítica “ (Moscovici, 1978, 41; Jodelet, 2001). As representações sociais são conjuntos dinâmicos e seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio, o de uma acção que modifica uns e outros, e não o de uma reprodução (Moscovici, 1974, 48). A memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade (Moscovici, 2003, 55).

Segundo Jodelet (2001), o facto das representações sociais serem reconstruções dos objectos, expressões dos sujeitos, ou imagens, podem ocasionar desfazamentos no conteúdo exposto, devido à influência de valores e códigos colectivos, das implicações pessoais e dos engajamentos sociais dos indivíduos. Isto produz três efeitos ao nível de conteúdos representativos. Distorções, suplementações, supressões dos atributos. Suplementações como acréscimo de atributos. Distorções quando alguns aspectos são alterados e outros acentuados (Jodelet, 2001).

As teorias das representações sociais são um produto típico dos nossos tempos e da transição paradigmática, tanto quanto as teorias feministas e outras que à sua maneira surgem como novas ferramentas conceituais, para analisar ângulos da realidade (Jovchelovitch, 1994; Sá, 1998; Jodelet, 2001; Berger & Luckmann, 2004).

Este conceito da representação social atravessa as ciências humanas e não é património de uma área em particular. Tem raízes na sociologia e uma presença marcante na antropologia e na história das mentalidades. A sua contribuição é inegável neste período que atravessamos, sem perder de vista que toda a produção cultural também será modificada e superada por outras, que a complementarão e corrigirão com o passar do tempo e avanço do conhecimento.

CAPÍTULO 2

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IGREJA CATÓLICA

2.1. A Igreja e a sua moral

A Igreja Primitiva foi formada a partir de dissidentes judeus e de muito outros povos, sofrendo diversas influências durante a sua formação que veio naturalmente a reflectir-se nos valores da sua doutrina. Embora com ensinamentos de S. Paulo e outras influências inevitáveis, os cristãos levaram muito tempo a adquirir um modelo familiar (Santo, 2000), pois toda a moral, ética ou legislação como as restrições sexuais são uma invenção do poder religioso depois de S. Agostinho. A Igreja primitiva foi realizando concílios e impondo regras, mas sempre com pouco sucesso na sua aplicação (Lancel, 1999; Starbird, 2006).

Na história da Samaritana, no texto bíblico, ficamos a saber que Jesus se mostrou indiferente à moral sexual ou matrimonial e à vida privada de cada um (Santo, 2000, 55). Jesus fala abertamente com a mulher samaritana oferecendo-lhe água espiritual, água da vida. A proposta religiosa de Jesus é espiritualista, prescinde de comportamentos exteriores. Até então as religiões eram gestos corporais, fórmulas, tabus alimentares e códigos jurídicos, cada cultura tinha os seus (Santo, 2000; Tincq, 1988). Pelos cultos se reconheciam as nações da Terra. Jesus transferiu a religião para o foro interior. Foi a sua revolução. Acabou-se a obrigação de ir à montanha santa, ao santuário, ao templo, à Igreja ou capela, e os comportamentos exteriores são irrelevantes (Santo, 2000, 53). No entanto, a Igreja teve sempre uma atitude moralista em relação à mulher, apesar de todos os ensinamentos do seu Mestre. Sempre os ignorou, nunca olhando a meios para a afastar do seu círculo de poder. Foi a partir de uma certa hierarquia da Igreja Católica que nasceu a ideia de transformar o acto gerador de vida, que é acto sexual, em pecado mortal, pecado que as mulheres eram as mais culpadas.

2.2. Representação social feita pelo Papa Gregório I

Até ao ano d.C. 590, a imagem de Maria Madalena era adorada como santa pela Igreja Católica e respeitada por imperadores, santos e bispos. Estes últimos eram, nos primeiros tempos do Cristianismo, os representantes máximos da Igreja. A vida de Madalena junto do Mestre é citada como fazendo parte em vários acontecimentos da vida de Jesus. Por exemplo, Maria Madalena, em determinada ocasião, derramou óleos sobre a cabeça de Jesus, gesto que se enquadra no ritual da unção do Matrimónio Sagrado. Por esse motivo, em muitas pinturas ela é representada a segurar o frasco dos óleos da unção do casamento, simbolizando a Noiva Sagrada (Gardner, 2005; Thiering, 2002; Leloup, 2006). Também é muitas vezes representada aos pés da cruz, após ter acompanhado Jesus até ao último momento da sua morte. E dizem ser ela, e não a mãe de Jesus, que é representada na imagem da *Piéta*. Mas é especialmente considerada dentro da Igreja por ter sido Madalena a primeira pessoa a ver Jesus Cristo ressuscitado. (Gardner, 2005; Thiering, 2002; Wilson, 1962). Foi a Maria Madalena que o próprio Jesus confiou a tarefa de reunir os seus discípulos e relançar todo o processo de evangelização, depois da profunda desmotivação e medo criados na sequência da morte do Mestre (Dias, 2006, 111). Maria Madalena é portadora de grande dimensão espiritual como nos comprova o seu Evangelho *Segundo Miryam de Mágdala*, que muitos especialistas religiosos dizem ter tido muita popularidade até ao ano 135 d.C., antes de alguns membros da Igreja primitiva o terem proibido, (Leloup, 2006; Gardner, 2005; Thiering, 2002; Wilson, 1962).

As antigas representações de Maria Madalena foram difíceis de apagar: São Jerónimo afirma no seu *Principium Virginem*: “*Maria de Magdala recebeu o epíteto de “fortificada com torres” porque causa da força e intensidade da sua fé teve o privilégio de ver o Cristo ressuscitado, mesmo antes dos apóstolos*” (Dias, 2006). Cirilo de Alexandria, duro crítico e acusador dos gnósticos nestorianos, dizia, em 444, que as mulheres eram como Maria Madalena, duplamente honorificadas, porque através dela, as mulheres foram perdoadas da transgressão de Eva, porque uma mulher fora testemunha primeira da ressurreição (Dias, 2003, 116-117). Pouco depois, Plocus, patriarca de Constantinopla, também afirmava que as mulheres foram escolhidas para avisar os apóstolos, para serem honorificadas. Em 593, Gregório de Antioquia, seguindo Paulo ao falar de Júnias, chama ao grupo de mulheres acompanhantes de Jesus “as primeiras apostolas”, tendo Maria Madalena na sua direcção.

No século III, Hipólito, bispo de Roma (170-235), escrevia, no seu comentário ao Cântico dos Cânticos, que no poema de Salomão, Maria Madalena era a representação da noiva, amando espiritualmente um mestre, referindo-se a Jesus. Para Hipólito, Maria Madalena representava a restauração do pecado original de Eva (Dias, 2003; Lancel, 1999; Munckur, 1983), mas no sentido oposto. Eva tentara Adão num jardim, provocando a queda do homem, enquanto Maria Madalena, ao encontrar Jesus ressuscitado, fora a testemunha da sua efectiva assunção como Divindade, como Cristo, dando sentido a toda a mensagem de salvação dos descendentes de Eva e de Adão (Dias, 2003, 171; Munckur, 1983). Santo Agostinho, séc. IV-V considerava Maria Madalena a mulher mais importante dos Evangelhos. E comenta nos seus escritos a sua incompreensão sobre o facto de Jesus, depois de ressuscitado, não deixar que esta o tocasse ou abraçasse (Tincq, 1999); Dias, 2003; Gardner, 2005; Lancel, 1999).

Modestus, patriarca de Jerusalém, em 630, acreditava que Maria Madalena tinha morrido virgem e mártir, e que fora líder dessas discípulas, qual colégio das vestais romanas (Dias, 2003, 117). No entanto, parte destas imagens e representações de Maria Madalena começaram a mudar a partir do dia que o Papa Gregório I, durante um sermão de uma missa de Domingo de Páscoa em 599 d.C., representou Maria Madalena com uma nova imagem, com outra identidade, alterando os seus atributos afirmando: “Maria Betânia, Maria Madalena e a mulher pecadora e adúltera eram todas a mesma pessoa, Maria Madalena” e também ainda acrescentou que Jesus expulsara do corpo dela sete demónios (Gardner, 2005; Leloup, 2006, 11).

Pela subtracção de toda a sua história de líder, noiva espiritual e santa; pela distorção de toda a sua vida e suplementação de novos atributos, “pecadora e adúltera” e também possessa, afirmado pelo Papa Gregório I, no seu discurso de Páscoa, alterou desde esse dia a imagem de Maria Madalena, de discípula e santa, passando a ser denominada “pecadora arrependida”.

Pelo processo das reconstruções de imagens e dos objectos, citados por Jodelet (2001). Toda esta nova construção da imagem de pecadora e de adúltera, de Maria Madalena, feita pelo Papa Gregório I no ano 590 d.C., foi divulgada e tem permanecido até aos nossos dias, sem ninguém ter posto em causa as palavras deste Papa, ficando institucionalizada até aos nossos dias.

2.3. Suplementações, acréscimo de atributos

Ainda sobre as razões do discurso do Papa Gregório I, o Magno, sobre Maria Madalena, mais concretamente sobre a palavra adúltera que o Papa associou à mulher apedrejada na rua, como sendo Madalena. As razões que levaram o Papa a fazer a junção das três mulheres numa só, nunca foram comentadas dentro da hierarquia da Igreja. Na Bíblia, a palavra adúltera tinha uma conotação com idolatria e é possível que a transferência desse sentido tenha já sido feita para os casos dos relacionamentos sexuais fora do casamento. No século IV, tinha-se começado a desenvolver a ideia do pecado através da carne (Dias, 2003, 117). Santo Agostinho (354-430) tem um papel principal nessa nova teologia: “A natureza humana é intrinsecamente má e nascida no pecado”. Da sua teologia ficou uma frase célebre: “Nós nascemos entre fezes e urina”. O primeiro objectivo desta natureza *excrementicial* é criar uma repulsa pelo acto sexual e pela fruição da vida e valorizar a humilhação sobre a qual se fundamenta todos os poderes absolutos como o da Igreja a comandar doravante os destroços do Império (Santos, 2000,126). Sobre o pecado original foi também Santo Agostinho que pela primeira vez dentro da Igreja associou o pecado ao acto sexual, não se esquecendo de frisar a origem nojenta de toda a Humanidade (Lancel, 1999), descodificando também a versão simbólica da desobediência de Adão e Eva, ao ter comido a maçã do pecado original, que era até aí a versão corrente. “O catolicismo nasceu com Constantino e justicou-se dogmaticamente com Santo Agostinho” (Santos, 2000, 126).

Na busca de Deus, são os monges do deserto que buscam a imagem da perfeição, os que recusam e fogem a todo o universo de tentações (Lancel, 1999). A mulher é a principal imagem deste mundo de que se deve fugir.

A virgindade, negação e recusa da actividade sexual, passa a ser encarada cada vez mais como uma forma sonhada de perfeição. Maria mãe de Jesus, Virgem por definição, é agora o paradigma de perfeição espiritual, que no fundo tem no comportamento sexual uma das suas chaves mestras (Dias, 2003, 117-118). O celibato já tinha sido exigido no Concílio de Elvira, em 305. A Igreja precisava de um instrumento mais fácil para pôr em prática a ideia do pecado através do sexo e Maria Madalena resolvia juntamente as duas questões: afastava o perigo da influência da sua doutrina que contradizia os outros Evangelhos, os próprios fundamentos da doutrina

da Igreja, e em segundo lugar servia como instrumento para mostrar que o pecado com arrependimento encontrava junto desta Igreja o perdão (Lancel, 1999; Dias, 2003; Gardner, 2005). O acréscimo dos atributos feitos a Maria Madalena - “Pecadora adúltera e possessa” -, não foram por acaso, embora, aparentemente não houvesse nenhuma razão para denegrir a imagem de Santa, testemunha principal da ressurreição. Toda a devoção e popularidade da sua história como companheira de Jesus existia e circulava, assim como os ecos do Evangelho a si atribuído, ainda ressoavam (Gardner, 2005). O título de “Apostola dos Apóstolos” tinha singrado e marcado Maria Madalena para sempre, estava registado através de João no seu Evangelho. Por tudo isso, era forçoso afastar essa influência, que simbolizava toda a visão feminina e pura de um Cristianismo primitivo (Leloup, 2006).

2.4. O poder das palavras

A palavra adúltera na Bíblia não tinha nenhuma conotação sexual, mas tinha o atributo negativo poderoso quando foi usada mais tarde pelo Papa no ano 599 d.C. O adultério, na Bíblia é equiparado à idolatria, é o culto a outros deuses, a ídolos. É também a maneira de agir quando carregada de preconceitos, que vão contra o lado inocente e puro existente em cada ser, alterando-o e corrompendo-o, conforme é afirmado em Paulo de Tarso, Epístola a Tito, 1.15. Jesus explícita sobre a natureza adúltera a propósito da pureza: *“Tudo é puro para aquele que é puro, / sois vós que fazeis existir o pecado. - “Sois vós que fazeis existir o pecado/ Quando agis conforme os hábitos - De vossa natureza adúltera/ Ai está o pecado”*.

O que é “agir conforme os hábitos de uma natureza adúltera”? Trata-se inicialmente de agir conforme os hábitos, as formas de pensamento que segundo a expressão popular, tornam-se como a nossa “segunda natureza”, uma natureza que se sobrepôs à nossa “primeira natureza”, inocente. (Leloup, 2003, 51).

A mulher agiu conforme os hábitos da sua natureza adúltera, ao ter outro homem seria esse o seu pecado. É por isso natural que no tempo do Papa Gregório I essa transposição já existisse para esses casos, e a palavra adúltera já fosse assim usada. As mulheres eram apedrejadas até à morte quando apanhadas em flagrante, no tempo de Jesus e outras formas de violência continuaram em relação às mulheres, até aos

nossos dias. (Lisboa, 2008; Santos, 2000; Josephus, 2008). Por causa de uma mulher pecadora e adúltera, segundo a descrição na Bíblia, o Mestre Jesus pegou numa pedra e a ofereceu àqueles que se preparavam para a apedrejar dizendo: “Quem nunca pecou que atire a primeira pedra!” Esta frase adquiriu uma força poderosa ao longo da História, restando certos julgamentos, e conduzindo à reflexão individual, mesmo naqueles que não são crentes.

CAPÍTULO 3

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE MARIA MADALENA

O presente capítulo apresenta a caracterização geral da história de Maria Madalena, a sua posição durante a vida de Jesus e depois da sua morte, a sua influência espiritual e o seu contributo para a divulgação da mensagem de Jesus. As representações da sua imagem, a persistência dos seus ensinamentos derivados do Cristianismo primitivo através dos tempos, os quais se estenderam até às Cruzadas, da qual foi padroeira (Flori, 1993; Grousset, 1998; Gardner, 2005).

3.1. Maria Madalena e o contexto histórico religioso e político

Maria Madalena, apostola e discípula de Jesus, tem uma história controversa construída pela hierarquia da Igreja a partir da influência da nova teologia de Santo Agostinho, que vem dar origem a um novo catolicismo. Esta religião só se tornou oficial no século IV, com o apoio do Imperador Constantino e a teologia de Santo Agostinho, Bispo de Epona (Tincq, 1999). A religião Cristã vem dar início à nova contagem do tempo a que se convencionou chamar o século I d.C. (Santos, 2000; Hervás, 2005; Starbird, 2006; Lancel, 1999). A Igreja Católica foi especialmente influenciada pelo pensamento grego, pela civilização Romana, pela Igreja Judaica de onde a maioria dos primeiros apóstolos são oriundos (Lancel, 1999; Santo, 2000; Hervás, 2005). S. Paulo foi o principal ideólogo da sua doutrina nos primeiros tempos, e é forçoso assinalar que ele nunca conheceu Jesus. Aderiu à mensagem de Jesus porque, segundo ele, Jesus apareceu-lhe, dizendo: “Saulo, Saulo, porque me persegues?” A partir daí, mudou o nome para Paulo começando a pregar aquilo que se tornaria a doutrina da Igreja. Segundo alguns historiadores, a sua doutrina tinha muito pouco a ver com os ensinamentos do próprio Jesus, especialmente porque a posição do Mestre em relação ao feminino era bem diferente, defendia as mulheres. Nada indicava também nas palavras de Jesus, nas suas pregações, qualquer pretensão de

fundar uma nova religião (Hervás, 2005; Starbird, 2006; Picknett & Prince, 2001; Gardner, 2005).

Em 325, no Concílio de Niceia, que foi promovido e subsidiado por Constantino, foram escolhidos Quatro Evangelhos considerados canónicos, os restantes não foram incluídos por contradizerem a doutrina da Igreja, especialmente por alguns revelarem verdades sobre os primórdios do Cristianismo, como o Evangelho de Filipe, de Tomé e de Maria Madalena há muito retirados (Gardner, 2005; Starbird, 2006; Lancel, 1999; Delumeau, 1983; Hervás, 2005).

O Mestre Jesus, que muitos afirmam ter sido sacerdote da Igreja Judaica, destacou-se por causa da sua cisão com a velha Igreja Judaica à qual pertencia, assim como toda a sua família ancestral. Tal facto está documentado na Bíblia, assim como o facto de ele ser descendente da linhagem de David, por via dupla - o pai, José, era tio de sua mãe, filho de Gdate e de Heli, patriarca de Jacó e cuja linhagem tinha sangue dos Macabeus, por parte da mãe Maria, filha de Ana e de Joaquim, patriarca de Elias. José, pai de Jesus, mais tarde casa com a sobrinha, Maria, devido a costumes tradicionais do povo Judeu (Josephus, 2008). Jesus é o primeiro filho do casal e também primo de Maria Madalena. A ancestralidade davídica de Jesus é confirmada em Hebreus 7:14, na Bíblia, que afirma que Jesus era descendente real de Judá de onde a sua linhagem partia directamente.

O mestre Jesus destaca-se nas suas lutas ideológicas contra a Igreja Judaica, embora “respeitando a Lei”. Destaca-se desde do início da sua aparição pública também por causa dos seus poderes de cura, por fazer milagres, pela sua sabedoria e, especialmente por ser descendente mais directo da linha de rei David. Jesus era o herdeiro natural directo dessa linhagem de reis sacerdotais que teria o poder material e espiritual caso quisesse vir a governar e a entrar na luta pela independência do seu país, factos que muitos dos que vieram a ser seus discípulos estavam interessados (Gardner, 2005; Starbird, 2006). Naquelas regiões, o poder do rei estava ligado ao poder espiritual, por isso eram considerados reis sacerdotes (Gardner, 2005; Thiering, 1992). No tempo de Jesus, toda essa ideia construída sobre o poder material e espiritual de um governante prevalecia no pensamento do povo da Palestina, o qual estava ocupada pelo império Romano (Gardner, 2005; Thiering, 1992). Dentro das cidades ocupadas havia quem muito aspirasse pela independência do país e fizesse frente à ocupação Romana, através de pequenas lutas, distúrbios, como era o caso de um grupo denominado de Zelote, fundado por Judas Galileu, escriba chefe até finais

6. d. C. Judas Galileu era guerreiro e bisavô de Maria Madalena, pela linha materna (Gardner, 2005, 294; Josephus, 2008). Na altura de Jesus, existia um governo fantoche a mando dos romanos, Herodes, um árabe, casado com a mulher do antigo rei de Jerusalém, Herodias, cuja linhagem descendia dos Macabeus Hasmoneanos pela tradição, esse casamento justificava e legalizava o título de rei que Herodes usava.

3.1.1. Maria Madalena era Zelote

Havia vários grupos que lutavam contra a ocupação romana no tempo de Jesus, entre estes grupos existia um, denominado Zelote, do qual faziam parte, segundo alguns historiadores, Maria Madalena, apostola, e Pedro, Judas Iscariotes, Simão e outros discípulos (Gardner, 2005; Josephus, 2008; Starbird, 2006). A afirmação - “Maria Madalena era Zelote” - deu origem a um erro de tradução, para “Maria Madalena era pecadora”, porque a palavra Zelote tinha a mesma correspondência gramatical que pecadora/a (Dias, 2006; Gardner, 2005; Cruden, 1973). Esta correspondência veio dar origem ao erro quando foram feitas as primeiras traduções do Evangelho de S. Marcos, mas é curioso não existir nenhuma tradução para Pedro era pecador, uma vez que este também era conhecido por pertencer ao grupo guerreiro Zelote. Tal erro histórico, já comprovado e objecto de estudo por Maria Julieta Dias, nos arquivos do Vaticano, veio a ser divulgado e publicado no seu livro sobre Maria Madalena (Dias, 2006).

3.1.2. Maria Madalena, nascimento, origens do seu nome, linhagem e status

Jacopo di Voragine, arcebispo de Génova (1229-1298), que escreveu sobre *A vida de Maria Madalena* a partir dos registos da Igreja (Gardner, 2005), deu especial ênfase às origens familiares e às suas heranças materiais e titulares. Segundo ele, todas elas tinham a ver com o seu nome Madalena (Thiering, 1992). Jacopo afirmou que Maria possuía “heranças do castelo de Betânia” – ou torre (*migdal*) de Betânia, como deveria ser traduzido. Hoje sabe-se que nunca houve um castelo ou torre em Betânia (Josephus, 2008). A herança descrita por Jacopo, na verdade, relaciona-se com o status pessoal - uma estação comunitária (castelo/torre) em relação à tutela da comunidade, como por exemplo se diz em Miquéias 4:8, o Magdal - eder (torre de

guarda do rebanho). É essa posição social a que se refere a distinção de Madalena, simbolicamente. Em Miquéias, este termo refere-se à promessa da restauração de Sião, depois do regresso do exílio de Magdal – eder, a filha de Jerusalém (Starbird, 2006; Gardner, 2005). Na Bíblia, é significativa a apresentação de Maria em Lucas 8:2. Ela é descrita como “Maria, chamada de Madalena”, o que é igual a “Maria, chamada de Torre da Guarda”, que poderá ser a explicação mais plausível para o seu segundo nome. Madalena poderia ser um epíteto. Em hebreu, este epíteto *Magdala*, ou Madalena quer dizer literalmente “torre”, ou “elevado, grande magnificente” (Cruden, 1973, 582).

Jacopo elabora uma grande compilação, a famosa “Légenda Aurea”, e nela afirma que o pai de Maria Madalena chama-se Syro (ou Syrus). Como Syro, Jairo, ele era o sacerdote chefe (subordinado ao sumo sacerdote de Jerusalém). A designação de Jairo vinha da linha sacerdotal dos filhos de Jair, do Antigo Testamento, da época de Moisés. Mateus Syro (Levi de Alceu), sacerdote de Jairo, pai de Maria Madalena, era um nobre Sírio, cuja esposa de nome Eucharía (mãe de Maria) era também de família real, bisneta do famoso Judas de Gamla, dos Macabeus Hasmoneanos, escriba chefe e inspirador dos guerreiros Zelotes (Gardner, 2005, 294). Jacopo fez várias vezes afirmações sobre as origens reais de Madalena: “Nasceu de uma linhagem nobre e seus pais eram descendentes da linhagem dos reis” (Gardner, 2005, 29; Thiering, 1992).

Noutro manuscrito, bem mais antigo, o arcebispo Rabanus Maurus, ano de 776-856, confirma que a mãe de Maria Madalena, Eucharía, é descrita mais detalhadamente como descendente da Casa Real de Israel. Não era a Casa Davídica da Judéia, mas a sacerdotal Casa Hasmoneana dos Macabeus, os quais reinaram em Jerusalém de 166 a.C. até à ocupação romana de 63. A.C. sob as ordens do general Pompeu (Taylor, J.W., 1969; Gardner, 2005). Sobre estas fontes, dos hasmoneanos, Gardner informa serem de livros apócrifos de Macabeus e dá uma lista destes (ver em rodapé. Gardner, 2005, 29). Os Hasmoneanos nada tinham a ver com a tribo de Benjamim, como foi erroneamente sugerido da linhagem de Maria Madalena no livro tão popular, *O Código Da Vinci*. Estes últimos eram descendentes do filho de Arão, Eleasar, e da sua mulher Eliseba, na quarta linhagem feminina do irmão de Benjamim, Judá, o ancestral da linha masculina da Casa de David, que é comprovado com mapas da árvore genealógica dessas duas linhagens: em anexo no final da dissertação (Gardner, 2005; Taylor, J.W., 2005).

São Bernardo de Clairvaux, patrono dos Cavaleiros Templários do século XII, exigiu a obediência da Ordem à Torre de vigia de Maria Madalena, seu epíteto. É por isso que as catedrais de *Notre Dame* dos Templários da França foram originalmente consagradas a Maria Madalena, Senhora da Luz (Gardner, 2005, 161).

O local onde Maria Madalena nasceu não está documentado, mas como o seu próprio nome sugere poderá estar relacionado com uma cidade pesqueira do Mar da Galiléia, bem ao Norte de Tibéris, Magdala. Esta cidade também era conhecida pelos seus tecidos de linho e mortalhas, um centro de comércio próspero e agitado politicamente, nos tempos do Evangelho. O historiador Flavius Josephus, governador da Galiléia durante a frustrada revolta Judia, contra os romanos em 66 d.C., escreveu sobre *Magdala* usando o nome alternativo em grego, de Taricheae. Escritos que foram recentemente editados - “Seleções Flavius Josephus”. Nesses escritos existe preciosa informação sobre a vida económica e política dessa comunidade, assim como alguns costumes religiosos dessa época e as suas leis, mas não dá nenhuma indicação sobre o nascimento ou nome ou casa de Maria Madalena, talvez porque naquele tempo em relação às mulheres e crianças, não existia o hábito de registá-las em acontecimentos que não fossem importantes para a História (Josephus, 2008).

3.1.3. Maria Madalena, local de nascimento e de iniciação

Maria Madalena poderia ter nascido em Magdala por ficar muito próxima da cidade de Cafarnaum, onde existiu a grande sinagoga de mármore (ainda hoje existe uma impressionante ruína), e onde o seu pai era chefe sacerdote em Cafarnaum. (Gardner, 2005; Josephus, 2008). Esta cidade é um dos locais citados no Novo testamento onde se diz que Jesus “começou a sua breve missão” (Marcos 1:21-28). E segundo Jacopo, Maria Madalena fez a sua primeira aparição pública, como a filha de Jairo, que Jesus fez levantar-se da morte (Mateus 9:18-25 e também em Marcos 5:22-43 e Lucas 8:41-56). Levantar-se da morte era também uma forma de iniciação, que fazia parte de um ritual, cujo processo de instrução, chamado o “caminho”, era realizado aos 12 anos de idade. Esta instrução, com ritual inspirado em antigos ritos egípcios, do culto a Osíris, de elevação da “morte” (trevas) figurativa, para o nível da “vida” luz, está descrito em alguns livros sobre iniciações (Adoum, 1994; Teixeira, 1998; Gardner, 2005). Este

ritual era praticado em comunidades secretas daquele tempo, tendo o próprio Jesus realizado, segundo as descrições dos Evangelhos. Esse facto levou alguns investigadores a afirmar que ele pertencia à religião egípcia, não só por causa das iniciações mas devido à sua doutrina bem expressa da reposição do feminino, que contrariava o culto a Deus patriarcal (Picknett & Prince, 2001, 152-155). O ritual de iniciação de Maria Madalena é descrito na Bíblia como um milagre. Em Marcos 5:42, confirma-se o acontecimento como se a filha de Jairo tivesse morrido: “Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar, pois tinha 12 anos. E logo foram tomados de grande espanto”. Ao que parece este acontecimento não foi compreendido pelos apóstolos, ou está mal descrito por aqueles que escreveram os Evangelhos. Ou então houve um milagre, em Cafarnaum.

3.1.4. Maria Madalena, educada e vigiada pelos Sacerdotes dos Sete Demónios

Na época do Evangelho, assim como na cultura greco-egípcia “Maria” era simultaneamente um nome e um título de louvor. Do egípcio Mery, que significa “amada” e aparentemente equivalente ao hebraico Miriam. Outros nomes similares incluem Meryamom (amada de Amon) e Merytatem (amada de Aten). Outras variações europeias de Maria são Marie e Mary (Wilson, 1962, 35; Gardner, 2005). Talvez por isso havia muitas Marias ligadas a Jesus. No Novo Testamento, no Evangelho de João, Tomé, Maria e Filipe, este último faz a seguinte referência aos nomes Marias: “Havia três que sempre caminhavam com o Senhor (...) sua irmã, sua mãe, e sua companheira. Todas se chamavam Maria”. Marco 6:3, por exemplo, apresenta Jesus como o “filho de Maria” mas quando traduzido correctamente, lê-se Jesus “filho da Maria”. (Wilson, 1962, 97).

R. McL Wilson, ao traduzir o Evangelho de Filipe, do Copta, encontra nas suas notas muita informação sobre a educação das mulheres ligada à Igreja judaica, hábitos e costumes especialmente relacionados com aquelas a quem chamavam de Maria, que tinham sangue real, como deveria ser o caso de Maria Madalena (Wilson, 1962; Josephus, 2008).

As Marias eram de linhagem real, as almahs ou noivas irmãs, jovens princesas criadas em ambientes castos, em espaços relacionados com as sinagogas, tipo mosteiros, estavam sob a autoridade do escriba chefe, denominado “Sacerdote do

Demónio Número Sete” ou os “Sete Sacerdotes do Demónio”, como também às vezes aparece escrito (Gardner, 2005; Thiering, 1992). Classificado segundo a idade, do número um em diante, os “Sete Sacerdotes do Demónio” formaram-se baseados em um grupo de oposição simbólica àqueles padres considerados das Sete Luzes do Menorá (o castiçal de sete pontas da tradição judaica). Os Sete Sacerdotes do Demónio tinham a função de supervisionar e vigiar as celibatárias – assim como o Advogado do Diabo dos nossos dias, que sonda a vida de candidatos em potencial para a canonização na Igreja Católica Romana (Gardner, 2005). Entretanto, as Marias quando tinham que casar eram libertadas do fardo dos “Sete Demónios” (ou diabos). O que significava que as regras do celibato não eram mais aplicadas e que as Marias ficavam livres das regras, porque casavam (Thiering, 1992; Wilson, 1962; Josephus, 2008).

Os “Sacerdotes do Demónio Número Sete” estavam ligados aos sacerdotes Essênios de Qumram, oriundos de um ramo que tinha feito uma cisão dentro dos hasmoneanos quando estes governaram a Palestina em 136 a.C. (Josephus, 2008; Gardner, 2005).

Poderá ser esta a explicação da afirmação feita no Novo Testamento sobre a possessão de Maria: “Jesus libertou Maria Madalena dos Setes Demónios”. Libertou-a, porque expulsou do corpo dela os “Sete Demónios”, ou porque casou com Maria?

Na verdade, Maria Madalena, filha de um sacerdote chefe da Sinagoga que era denominado de “Jairo”, tinha que ter uma educação dentro do espírito da sua Religião Judaica, que correspondesse à sua posição social, assim como um casamento com alguém de linhagem real, porque descendia da linhagem real Hasmoneana, dos Macabeus que reinaram no tempo de Jesus (Josephus, 2008). O rei Hedomita Herodes, o *Grande* que reinou de 37 a 63 a.C. reclamou o trono de Israel com base no seu casamento com Mariamne, uma descendente da Casa Hasmoneana dos Macabeus, os últimos reis legítimos da Palestina. Na altura, era necessário que houvesse linhagem real feminina, para o casamento dinástico ser legalizado aos olhos da Lei. Este hábito da Igreja reflectia antigos costumes dos cultos à Deusa, ainda existentes no seio da Igreja de Yaveh, na altura de Jesus (Thiering, 1992; Gardner, 2005; Josephus, 2008; Santos, 2000). Maria, ao ser educada dentro da instituição dos “Sacerdotes dos Demónios Número Sete”, estaria a ser preparada para um casamento dinástico, o qual juntaria as duas Casas Reais que já tinham governado a Palestina: a Hasmoneana dos Macabeus e a Casa Real da linhagem de David, a que Jesus

pertencia. O casamento unia as duas linhagens que sempre tinham governado a Palestina e iria fortalecer o combate contra o inimigo ocupante romano.

Quando o Papa Gregório I apelidou Maria Madalena de “pecadora e adúltera”, também acrescentou que Jesus tinha expulsado do seu corpo sete demónios, símbolos dos Sete Pecados Mortais, sem especificar que cada um desses demónios representava cada um dos sete mortais. Não se atreveu a ir tão longe, pois teria de reconhecer que Maria Madalena roubava, matava, etc. Limitou-se a frisar que Madalena era uma mulher possessa. Essa afirmação aparece só no Evangelho de *Marcos* (16,9 e 8,3). Jesus expulsara dela sete demónios. Personagem contrastante, ex-possessa, companheira de Jesus, primeira testemunha de sua ressurreição, Jesus confia-lhe palavras que outros discípulos ignoram e ocupa o lugar deixado vago por Jesus, comunica os segredos recebidos e explica-os. Maria Madalena substituta de Jesus e sua exegeta, neste papel de intermediária entre Jesus e os discípulos, repousa a crença de Maria como companheira de Jesus durante a sua vida (Leloup, 2006,11). O Evangelho de Filipe insistirá que Maria Madalena é a companheira (Koinonos) de Yeshua, ou Jesus, e que ele a beijava-a frequentemente na boca. Os discípulos, vendo-o amar dessa forma Maria Madalena, disseram-lhe: “Por que a amas mais que a todos nós?” (Leloup, 2006, 13).

A versão da expulsão dos sete demónios a Maria Madalena poderia ser uma maneira de despistar o facto de ela ser educada no Mosteiro dos Essênios, no *Palácio da Rainha*, sob a vigilância dos Sacerdotes dos Sete Demónios. Essa história só aparece no Evangelho de S. Marcos, o qual foi um dos mais copiados e sofreu as piores traduções de todos os Evangelhos, e com um erro já comprovado; o da palavra zelote, que queria dizer guerreiro, foi traduzida para pecador/a (Dias, 2006).

3.1.5. Maria Madalena nos Evangelhos, amada e contestada

Maria Madalena é citada no Novo Testamento por várias ocasiões, demonstrando alguns relatos a sua presença em acontecimentos importantes na história do seu Mestre Jesus e de todo o seu grupo de apóstolos. A primeira referência a Maria Madalena feita por Jesus é sobre a sua atitude receptiva em relação ao conhecimento

que ele transmitia. Afirmou que ela tinha ficado com a melhor parte, ao escutá-lo, esquecendo as lides domésticas. Ao contrário de sua irmã Marta, que não pôde escutar a mensagem de Jesus, por estar demasiado preocupada com a lida da casa, na altura em que este a visitou. Este facto é citado nos quatro Evangelhos canónicos. Essa observação de Jesus é bem reveladora da atenção de Maria Madalena às palavras do Mestre Jesus, atitude que deixava antever o seu interesse pela sua mensagem, por todo o seu conhecimento, e talvez fosse essa uma das razões que mais tarde a levou a segui-lo. Maria Madalena teve acesso ao “conhecimento” e, será nesse sentido que na época de Jesus, uma mulher seria considerada de “pecadora” (Dias, 2006). As mulheres nesses tempos não tinham direito à instrução e muito menos ao estudo dos segredos da *Tora*, livro da religião judaica (Gardner, 2005; Santo, 2000). Sobre as desigualdades entre homem e mulher naquela época e, no espaço físico deste estudo aparecem muitos exemplos. O Evangelho de Tomé e de Maria Madalena descreve que Pedro se opunha fortemente à presença de Maria Madalena no séquito de Jesus. O texto descreve que Pedro, voltando-se para outros apóstolos, disse: “Permite que Maria nos deixe, pois as mulheres não são dignas da vida” (Estampa, 1988). E em outras ocasiões, há testemunhos do aparente desagrado de Pedro em relação a Maria. No Evangelho de Maria, Pedro contesta a relação dela com Jesus, dizendo: “Ele teria falado em particular com uma mulher e não abertamente connosco? Por que devemos mudar de ideias e ouvi-la?” (Leloup, 2006).

No tratado coptico de *Pistis Sophia*, Pedro reclama de novo por Maria Madalena estar a participar e pede a Jesus que a reprima por questionar a sua supremacia (Pagels, 2002). No Evangelho de S. Filipe, Maria é verdadeiramente a companheira de Jesus. Afirmo que ele a beijava frequentemente na boca, quer dizer – segundo o simbolismo do beijo (*nashak*) na tradição hebraica -, eles partilhavam o mesmo Sopro e, neste Sopro, a mesma Palavra ou informação criadora (Leloup, 2006,115). O Evangelho de Filipe diz-nos igualmente que Maria era para Jesus não somente a companheira (*koinonos*), mas também sua irmã e sua mãe. Ela não se fechava num único papel ou numa única possibilidade de relação com Jesus (Quéré, 1999). Ele era também o seu “Rabbouni” (*João: 20,16*), termo que traduzido por “Mestre” (Rabbi), “meu querido Mestre” ou “(meu Mestre bem amado), com toda a ternura, o respeito e a intimidade que estas expressões supõem (Leloup, 2003,116; Dias, 2006).

O Evangelho de Lucas (24, 1-11) diz que, *no primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas (as mulheres) foram à tumba, levando aromas que tinham*

preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida, mas ao entrar não encontraram o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu, que estando perplexas com isso, dois homens com vestes fulgurantes disseram: “Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou. Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia...” Elas lembraram-se de suas palavras. Ao voltarem do túmulo, anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros. Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. As outras mulheres que estavam com elas disseram-no também aos apóstolos; essas palavras, porém, pareceram-lhes desvairado e não lhes deram crédito.”

Neste último parágrafo, do Evangelho de S. Lucas, é bem claro que nessa altura os homens não acreditavam nas mulheres. Neste Evangelho, a ida ao túmulo é descrita com participação de várias mulheres, embora cite Maria Madalena em primeiro lugar, não está de acordo com os outros Evangelhos em relação à ida sozinha de Madalena ao túmulo de Jesus. S. Lucas prossegue na sua narrativa e menciona que Pedro ocorre ao túmulo e fica surpreendido, mas vê apenas lençóis (24,12); e dois outros - chamados discípulos de Emaús -, quando iam a caminho de casa “encontram” o Ressuscitado, regressando a Jerusalém para contar o sucedido. Só acreditam na ressurreição de Jesus, depois de ela ser apregoada por homens e depois disso, S. Lucas afirma: “*Apareceu a Simão*” (24, 13-35). Há quem afirme que o início do ocultamento discriminatório das mulheres dentro da Igreja começa com este evangelista, S. Lucas (Dias, 2006). No Evangelho Segundo S. Tomé, a mulher é equiparada por Jesus ao homem. Mesmo quando Pedro intervém no sentido que as mulheres se retirem, ou afirmando que estas não são dignas da vida, Jesus responde sempre em sua defesa (Estampa, 1988). Segundo Elaine Pagels, na *Pistis Sophia*, Maria Madalena é o interlocutor privilegiado de Jesus, de quem Pedro se queixa por dominar a conversa e “anular” a sua legítima primazia por ser homem e a dos seus irmãos apóstolos, por isso pede a Jesus que a faça calar, mas é repreendido (Dias, 2006, 102). Maria também se lamenta, dizendo que Pedro a inibe porque “odeia a raça feminina”, ao que Jesus lhe responde que quem for inspirado pelo Espírito tem ordem divina para falar, seja homem ou mulher (Dias, 2006,102; Pagels, 2002).

Em *Pistis Sophia*, Maria Madalena adiantou-se e prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: “*Senhor, perdoa se te falo, não me canso de Vos fazer perguntas. Não me leveis a mal se Vos pergunto tudo*” E o Salvador, na sua misericórdia, disse a Maria: “*Pergunta o que quiserdes que te responderei claramente*”. E Maria continua:

“Senhor, como se conservam as almas fora desse lugar [céus], como serão purificadas?” E o Salvador responde a Maria: “Maria, tu procuras a verdade em todas as tuas perguntas, que são muito razoáveis e, com todo zelo, levas a luz a tudo” (V, 10-13). Pedro adiantando-se e diz: “Senhor, já não conseguimos suportar esta mulher [Maria]. Ocupa o nosso lugar e nunca nos deixa falar.” Jesus responde: “Todo aquele que é inspirado pelo Espírito que recebe de Deus tem competência para falar, seja homem ou mulher” (IX, 17-18). Maria diz: “Senhor, eu compreendo o que acabas de nos dizer, mas todas as vezes que apresento a justa interpretação das vossas palavras tenho receio de Pedro porque ele ameaça-me e odeia o nosso sexo.” E Jesus responde: “Ninguém poderá indignar-se contra quem, sentindo iluminada a sua inteligência, se adiante para explicar as coisas que eu digo” (XXIV, 9-11). (Dias, 2006; Pagels, 2002). No Evangelho de S. Filipe, Maria Madalena era vista como símbolo da sabedoria divina, mas todos esses textos foram extirpados pelos bispos no início da Igreja, porque eles enfraqueciam o domínio do sacerdócio exclusivamente masculino, e davam uma imagem humana de Jesus que se opunha aos fundamentos em que a doutrina tinha sido construída (Gardner, 2005).

S. Paulo, além de disputar a direção da futura Igreja com Pedro, esclarece a sua posição em relação à mulher (Gardner, 2005; Hervás, 2005). De acordo com as epístolas de S. Paulo, o seu ensinamento foi exposto: “Que a mulher aprenda o silêncio com toda a submissão. Pois não permito que a mulher ensine nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio”. (*1 Timóteo 2:11-12*). (Gardner, 2005, 137). Ainda S. Paulo, que é significativamente misógino em relação às mulheres (Dias, 2006, 113), diz na Primeira carta aos Coríntios (11, 7-10): “*O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. Pois não foi o homem que foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem. Por isso, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos.*” Esta parte final “por causa dos anjos”, S. Paulo nunca explicou a causa.

3.2. Maria Madalena e o ritual da unção

Segundo S. Marcos *14:3*, “enquanto Jesus estava em Betânia reclinado à mesa chegou uma mulher com um vaso de alabastro”. *14:3-4* “Um vaso de alabastro de perfume caro, feito de puro nardo. Partiu-o e despejou-o sobre a cabeça dele”. “Puro nardo” pode ser, segundo os estudiosos actuais, uma possível corrupção da palavra grega espicanardo (Barclay, 1962, 198). O unguento aromático era um perfume muito raro e muito caro, retirado de uma planta que crescia na Índia, nos Himalaias. Na Palestina helenizada, as mulheres ricas usavam por vezes pequenas quantidades do perfume num pequeno vaso de alabastro pendurado ao pescoço numa corrente (Gardner, 2005). Geralmente, fazia parte de um dote e era usado no ritual do casamento. Mais tarde por morte do esposo era costume quebrar o frasco, ungir o corpo do amado falecido e deixar os fragmentos na tumba. (Starbird, 1993,60). Este ritual faria sentido se fosse feito por Maria Madalena e não por uma estranha, quer o ritual fosse para tornar real o Cristo, ou o “Ungido” em Jesus, quer fosse um ritual de casamento Davídico Sacerdotal. Quando se ungia o marido dinástico no casamento, a esposa dizia que o ungia para um funeral, como uma jura ou um compromisso até a morte. Por isso, Jesus afirmou aos seus companheiros quando Maria Madalena o ungiu em Betânia: “Este bálsamo sobre meu corpo, ela fê-lo a fim de preparar-me para a minha sepultura” (*Mateus 26:12*). Madalena era rica e discípula acompanhante de Jesus e aparece muitas vezes mencionada no Novo Testamento. Em todos os Evangelhos é descrita a unção feita a Jesus por uma mulher mas não lhe é atribuída um nome. A mulher depois da unção teria enxugado os pés de Jesus com os seus próprios cabelos. O Evangelho de S. João *11:2* e de S. Lucas *10:38-48.*, descrevem as unções mas sempre de forma e em situações diferentes sem explicarem o motivo. No entanto, no Quarto Evangelho de S. João, é afirmado que a unção a Jesus foi feita por Maria em Betânia, uma semana antes da Páscoa. Em S. *João 20:15* ele descreve que Maria Madalena vai reivindicar o corpo de Jesus. Ela só poderia fazê-lo, caso fosse da sua família. Há unção claramente descrita relacionada Maria Madalena depois da crucificação, a qual era sempre feita pela esposa. Porque é que ela assumiria a posição de esposa de ungir o corpo Jesus para o funeral se não fosse sua esposa, ou familiar (Gardner, 2005, 154)? Há uma descrição muito clara em quase todos os Evangelhos canónicos e apócrifos sobre Maria Madalena ser a primeira apostola a ver o Mestre Jesus depois de ressuscitado.

Algumas unções descritas no Evangelho são confusas, mas trazem alguma luz sobre a posição da mulher de um certo nível social, os costumes, os seus deveres e os

seus direitos naqueles tempos. Especialmente em alusões aos de antigos costumes dos ritos de morte da deusa Ísis a Osiris, que eram repetidos em rituais funerários, pela esposa viúva, representados através de gestos, com unções de óleos sagrados, de invocação, evocação de mantras relacionados com transcendência da morte física do corpo, a qual era a condição, para a passagem para o reino dos deuses. (Gardner, 2005; Starbird, 1993, 60). Nas descrições no Evangelho é claramente afirmado a unção funerária que Maria Madalena ia fazer na manhã de segunda-feira após o Domingo de Páscoa. Se ainda se cumpria essa tradição do ritual da unção depois da morte é porque também existia a tradição da unção no casamento dinástico, já que esses dois rituais eram indissociáveis.

3.2.1. As origens e significados das unções com óleos

Na sua investigação, Starbird narra as origens da unção, esse acto simbólico da unção que era feito ao Messias, porque o Messias era aquele que era ungido.

“Aquele Ungido” era o equivalente em grego a Christo ou Cristo, de onde vem a designação real. Jesus não era o único, ele era o Messias, mas haveria outros “Ungidos” da linhagem real antes dele (Starbird, 1993,61). Esta tradição da unção remonta ao antigo Egipto, onde os reis eram ungidos com óleo de crocodilo. O crocodilo sagrado dos egípcios era o Messeh, que corresponde ao israelita Messiah (Gardner, 2005). Essas unções vêm de tradições até mais antigas que as egípcias. Estavam relacionadas com os antigos cultos da Deusa e eram as sacerdotisas que as faziam (Husain, 1997; Josephus, 2008). Esse costume foi alterado pelo rei Saul, que se fez ungir por Zadoque (chefe sacerdotal) através deste ritual. Deste modo, o rei legou essa função ao sacerdote e dispensou as sacerdotisas dos templos da Deusa. Essa unção real determinava a situação de Messias, no caso de Salomão. Na sua dinastia todos foram Messias (Os Ungidos) (Gardner, 2005; Starbird, 1993).

Jesus nunca teve uma posição real e só a atingiu no dia que Maria Madalena fez o ritual da sua unção em Betânia, uma semana antes da crucificação, mas não com os sagrados óleos, mas com espicanardo. Esta unção era usada nos casamentos tradicionais feitos pelas irmãs - noivas dos faraós, ou às rainhas da Síria e de outras terras além do domínio hebreu (Lutterworth, 1994; Starbird, 1993; Gardner, 2005).

Nas outras unções mencionadas nos Evangelhos, não são reveladas a composição dos perfumes dos seus óleos, se estes eram considerados óleos sagrados, devido à origem da sua confecção. Porque os óleos considerados sagrados eram aqueles feitos por sacerdotes. Maria Madalena foi educada como sacerdotisa, por isso também devia ter o poder de utilizar os óleos da unção.

Segundo Maria Julieta Dias, autora de um livro sobre a vida de Maria Madalena e que esteve nos arquivos do Vaticano a fazer parte da sua investigação, constatou que a página da Bíblia onde devia estar o nome da mulher que fez a unção com óleos a Jesus estava rasurada, embora ainda fossem visíveis certas letras do nome de Maria Madalena (Dias, 2006).

3.2.2. Maria Madalena e o ritual da unção ou Hieros Gamos

As pesquisas modernas sobre a origem e o significado do Cântico dos Cânticos vêm esclarecer muita coisa acerca da unção de Jesus relatada nos Evangelhos. Originalmente, o Cântico era uma litania para ser executada durante os rituais do Matrimónio Sagrado (o *hieros gamos*) e é muito parecido com as poesias de amor das antigas religiões da fertilidade praticadas na Suméria, em Canaã e no Egipto (Pope, 1983,19; Starbird, 1993). Os Cânticos de Salomão, (Shirath Shiram), com a sua essência erótica do nardo, e a unção paralela de Madalena na Betânia, provém da mesma tradição síria. Têm origem no antigo ritual de fertilidade baseado no *hieros gamos* de Iananna e Dumuzi, que faziam parte dos rituais da “Eira” da semana de festas do rei Sölam (Gardner, 2005,161; Freitas, 1975). Desses rituais da “Eira”, registada como festividade rural até 1873 em Inglaterra, existem ainda hoje alguns vestígios em alguns pontos no nosso país. Nas noites de desfolhada, com cantigas ao desafio, e beijos permitidos às raparigas quando estas encontram a massaroca de milho rei, ou seja, de cor vermelho escuro (Pope, 1983).

O ritual baseado na deusa Iananna consistia em fazer uma mesa e um trono para o rei a partir da madeira tirada do campo. Enquanto os amigos da família prestavam homenagem, a noiva realizava o seu ritual de rainha, cantava uma música na noite do casamento que correspondia exactamente à secção dos Cânticos dos Cânticos do rei Salomão (Gardner, 2005; Husain, 1997; Pope, 1983).

Os ritos do *hieros gamos* eram tão conhecidos no mundo helenizado que o ungimento de Jesus não podia ter passado despercebido aos que o testemunharam. A história da unção de Jesus pela mulher, em Betânia, referido no Quarto Evangelho como sendo Maria de Betânia, é um dos acontecimentos mais importantes recordados nos Evangelhos do Novo Testamento e deve ser extremamente significativo por ser relatado em todos os Evangelhos canônicos. Embora só dessem ênfase ao preço dos óleos da unção. A história da unção é a expressão mais íntima das relações eróticas registadas na vida de Jesus (Gardner, 2005; Leloup, 2006). Qual foi o significado do acto em Betânia? E a mulher que ungiu Jesus num banquete, em Betânia, seria a mesma que lhe lavou os pés e os enxugou com os seus próprios cabelos? Em Betânia não foram usados os óleos sagrados para a unção do Messias, o ungido, mas sim o espicanardo ou nardo, um perfume muito raro usado nos casamentos do Noivo Rei e da Sacerdotisa, igual à descrição feita noutra parte das Escrituras: “No banquete do rei, o meu nardo exala a sua fragrância” (*Cântico dos Cânticos 1:12*). É a noiva, falando da sua fragrância espicanardo, que perfuma o Noivo - Rei no seu banquete, no *Cântico dos Cânticos* a antiga canção do Matrimónio Sagrado (Gardner, 2005). O tema do Noivo/Noiva do Matrimónio Sagrado é um tema frequente nas Escrituras Hebraicas. Numa passagem do Salmo de David ele diz: “Ofereceste-me um banquete... ungiste-me a cabeça com óleo”. Este verso pressupõe um Deus Feminino, já que era identificado com o papel da Noiva. Aqui ainda existe uma reminiscência dos antigos rituais do Médio Oriente, quando a noiva unge o seu consorte escolhido, oferecendo-lhe os seus favores e o seu parentesco. O rei David casou com Mica, filha do rei Saul, de acordo com antiga tradição de exigir parentesco através do casamento com a filha da casa real, com a unção dos óleos, como consta nos textos hebreus sobre David (Gardner, 2005). Em todas as descrições sobre as unções com óleos a Jesus, é evidente o significado real e simbólico que estes rituais ainda mantinham nesses tempos na Palestina. Por isso, não será por acaso que no século XII, São Bernardo de Clairvaux, no seu Sermão sobre o *Cântico dos Cânticos* registado na *Patriologia Latina*, menciona Maria Madalena como a “Noiva de Cristo” (Gardner, 2005,161). E na Catedral Notre Dame de Chartres, os seus magníficos vitrais descrevem a unção em Betânia de Maria Madalena.

3.2.3. Hieros Gamos, ritual das religiões da Deusa

Os Cânticos dos Cânticos eram muito populares na Palestina nos tempos de Jesus. Têm as suas origens em cultos às deusas, costume muito antigo. Dizem alguns especialistas serem oriundos da Mesopotâmia, mas, estavam espalhados em várias regiões, onde eram praticados, obedecendo a certos ritos (Starbird, 1993; Teixeira, 1988; Gardner, 2005). As descrições nos Evangelhos sobre as unções a Jesus assemelham-se às descrições do ritual do Hieros *Gamos* ou Matrimónio Sagrado.

Os rituais do casamento Noivo-Rei, no Próximo Oriente da Suméria, Babilónia e Canaã, consistiam em ungir a cabeça de um rei com óleo, e eram desempenhados pela herdeira ou sacerdotisa real, que representava a Deusa, quando o antigo culto feminino ainda vigorava (Starbird, 1993; Husain, 1997; Gardner, 2005).

Na Grécia, este ritual era chamado de *hieros gamos*, ou “matrimónio sagrado”. A unção da cabeça tinha um significado erótico significativo: a cabeça era símbolo do falo, “ungido” pela esposa durante a consumação física do matrimónio. O noivo escolhido ungido pela sacerdotisa real, substituta da Deusa (Husain, 1997; Gardner, 2005). Canções de amor, orações e acções de graça acompanhavam o casal e a subsequente consumação da sua união. Ao mesmo tempo era celebrado em toda a cidade um sumptuoso banquete, no meio da alegria dos cidadãos (Josephus, 2008; Gardner, 2005). Por vezes, a festa durava dias. A bênção da união real reflectir-se-ia na contínua fertilidade das colheitas, das manadas e no bem-estar da comunidade (Gardner, 2005; Husain, 1997). Através de tal união com a sacerdotisa, o rei consorte recebia o estatuto real e passava a ser conhecido como o “ungido”, em hebreu o “Messias”. Aquela que ungia a cabeça do rei, lhe oferecia o banquete e lhe enchia a taça de bênçãos era sua perante os inimigos. Era, segundo os antigos rituais indígenas do Próximo Oriente, a Grande Deusa (Josephus, 2008; Gardner, 2005). A união sagrada da sua sacerdotisa real com o rei, consorte escolhido, era comemorada como uma fonte de regeneração, vitalidade e harmonia para toda a comunidade (Starbird, 1993; Gardner, 2005).

Com as invasões indo-arianas (por volta de 3500 a.C.), surgiu a ideia de uma suprema divindade masculina, cuja raiva e cólera tinham que ser apaziguadas (Freitas, 1975). Ao longo dos séculos, os cultos baseados num deus masculino de poderes ilimitados foram substituindo gradualmente a adoração à Deusa (Starbird, 1993; Krames, 1968, 88; Gardner, 2005; Walker, 2002).

3.2.4. Casamento Dinástico era preparado com regras

As almahs eram as raparigas jovens virgens, noivas - irmãs bíblicas assim denominadas. Esse nome era o equivalente às freiras, criadas educadas para a possibilidade de um casamento dinástico. Foi o caso talvez de Maria, mãe de Jesus, e de Maria Madalena. Todas as sacerdotisas de sangue real, consignadas a várias ordens tribais, tais como as de Dã, Aser, e Manassés, estavam ligadas à comunidade dos terapeutas ascetas de Qumram (Thiering, 1992; Josephus, 2008; Gardner, 2005,150). As sacerdotisas almahs ou jovens destinadas ao casamento dinásticos estavam sujeitas a regra dinásticas, cujos parâmetros de operação estavam explicitamente definidos, ditando uma vida de celibato, excepto para a procriação e apenas em intervalos fixados (Josephus, 2008). Estas regras dinásticas eram bem diferentes das normas maritais dos judeus e do resto do povo de então (Gardner, 2005, 151).

3.2.5. Nos tempos de Maria Madalena o povo tinham contratos de casamento

Nos tempos de Jesus e de Maria Madalena, as normas maritais do povo judeu e do resto do povo de então eram bem diferentes da elite que tinha linhagem real. A mulher solteira, casada ou viúva ou repudiada não podia dispor de si, por estar sempre sob a autoridade do pai, marido, irmão ou tio paterno. O matrimónio era um contrato de venda da mulher ao homem (Santo, 2000, 75). O rapaz que desejava uma mulher procurava-a ou o pai mandava um servo procurar uma disponível para o filho (*Gen.24*). O pai podia também escolher simultaneamente uma concubina (*Ex.21:9*). Por volta do séc. VII a.C., época que foi redigido o principal livro da Lei, o *Deuteronómio*, o “preço da noiva” estava em 50 ciclos de prata, cada ciclo pesava 11,4 gramas de prata (Josephus, 2008; Santo, 2000). O preço da noiva podia ser substituído por uma prestação de serviços, fórmula mais antiga do que o casamento por compra. Jacob teve de trabalhar durante sete anos em casa de Labão, que lhe deu a filha mais velha, Lia em casamento. Mas como Jacob sempre desejou a mais nova, trabalhou outros sete anos, para poder possuir a sua preferida (*Génese 29: 27-20*). Mais tarde, a Lei proibiu o casamento com duas irmãs. Também os guerreiros, que raptassem uma mulher durante a guerra e ficassem com ela, nada pagavam aos seus

pais (*Deut.20:14 no livro dos Reis*). Os pais recebiam sempre um certo capital, o *mohar*, como compensação pela falta que a rapariga fazia em casa, e muitas vezes havia também o dote do pai da noiva, uma prerrogativa de gente rica (Santos, 2000, 77-78). Havia outras formas de casamento, em que o casal não coabitava permanentemente, mas apenas o homem visitava a mulher. Era a “união sadiqa” (termo que significava amiga, amante), espécie de casamento provisório ou a prazo, comum a alguns povos orientais: o homem pagava ao pai da mulher certa quantia para coabitar com ela durante um prazo estipulado. Este modelo convinha aos guerreiros, nómadas e viajantes. Essa forma de casamento provisório foi considerado por muitos de prostituição. Foi o caso das escolas jurídicas sunitas ocidentais. O próprio Jesus condenou, como se pode ver em *Mateus, 5:3*). Havia nessa época cultos de prostituição sagrada em templos dedicados à deusa Astarte, que eram contestados por alguns membros das religiões patriarcais, principalmente relacionadas por razões de poder político e espiritual. Havia também sacerdotisas virgens que lhe dedicavam culto (Husain, 1998). Os casamentos provisórios e as diversas maneiras de pagamento relacionados com a compra de uma noiva eram na altura de Jesus motivo de crítica e contestação (Santo, 2000,75-78).

3.2.6. A prostituição sagrada

Nos tempos de Jesus e Maria Madalena, a prostituição sagrada era uma instituição bem estabelecida das religiões médio-orientais. Era corrente pagar serviços sexuais nos templos a prostitutas sagradas (a que a Bíblia chama ora “raparigas” ora “santas”). A prostituição era o efeito de um voto e os ganhos eram partilhados com o santuário, (*Deuteronomio, 23:19*). No templo da Deusa, as sacerdotisas teciam mantos para venda a visitantes em honra da Deusa Astarte (a Afrodite grega), a qual também figurava então no templo de Yaveh, nos tempos de Jesus (Santos, 2000). As sacerdotisas faziam os seus votos quando entravam ao serviço da Deusa, e os actos sexuais praticados nos santuários eram considerados por si um rito santo, (Husain, 1997), assim como para aqueles que procuravam os seus serviços, na sequência de uma promessa. Para todo o público, que frequentava os santuários de prostituição sagrada, o acto sexual enquadrava-se dentro de um espírito de culto religioso de

identificação com a sua Deusa, que divinizava e trazia fertilidade. As sacerdotisas não casavam porque representavam a Deusa, assim como hoje os padres da Igreja Católica alegam representar Cristo. A herança pessoal das sacerdotisas pertencia aos santuários da Deusa, cumprindo uma tradição que vinha dos tempos em que as mulheres podiam dispor de si e libertar-se dos homens, o tempo do matriarcado cultural (Husain, 1997; Santos, 2000, 102)

3.3. Os Sacerdotes de Qumram e a sua vida no deserto da Judéia

As regras do casamento dinástico eram impostas pelos sacerdotes essênios de Qumram do deserto da Judéia. Viviam em Mosteiros e a sua principal dedicação espiritual era aos anjos, a quem prestavam culto diariamente através de meditação e contacto com eles através da natureza, pois estes viviam da agricultura. Eram vegetarianos (Gardner, 2005; Josephus, 2008; Thiering, 1992), estudavam astronomia, astrologia e eram grandes curadores. Os essênios eram sacerdotes angélicos, solteiros, e alguns deles de hierarquia superior. Faziam representar-se por um anjo, usando o seu nome, com as suas atribuições e qualidades (Thiering, 1992; Gardner, 2005) do mesmo modo que o padre é o representante de Cristo na Terra. Nesta instituição em Qumram havia um sacerdote que representava o anjo Gabriel, outro Miguel, etc. (Gardner, 2005; Thiering, 1992). Todos estes assuntos encontram-se detalhados nos *Manuscrito do Mar Morto*, no *Manuscrito de Cobre* e nas obras de Flavius Josephus, que descrevem toda a estrutura angelical e como era mantida dentro da hierarquia sacerdotal de Qumram (Gardner, 2005).

O sacerdote Abiatar, que viveu no tempo de Jesus, era designado Gabriel (era ele o representante na terra do anjo Gabriel, que fez a anunciação à mãe de Jesus) e o seu imediato, o sumo-sacerdote Zadoque era designado Miguel – (Melquisedeque) como João Baptista era designado e também conhecido como grande iniciado de Qumram. Dizem também que Jesus pertencia, tal com primo João, aos Sacerdotes Angelicais por ter igualmente a designação de Príncipe Melquisedeque (Gardner, 2005 Thiering, 1992; Eisenman, 1983).

3.3.1. Os Sacerdotes de Qumram e a Ordem de Melquisedeque

A Ordem Melquisedeque vinha dos tempos do sacerdote-rei de Salem. Aparece na *Gênesis 14:18-20*, quando ele presenteou Abraão com pão e vinho da comunhão do Graal (Gardner, 2005,166). Esse ritual faz parte dos vários rituais dos sacerdotes egípcios e dos sacerdotes de Qumram nos tempos de Jesus.

Fragmentos do *documento do Príncipe de Melquisedeque* encontram-se entre do *Manuscritos do Mar Morto*, indicando que Melquisedeque e o arcanjo eram o mesmo, ou o representante do anjo. Nesses antigos pergaminhos, Melquisedeque é chamado Aquele Divino Príncipe da Luz. (Gardner, 2005,166; Eisenman, 1983).

Segundo Hebreus 3:1 e 5:6, Jesus foi iniciado naquela época (Setembro de 33 d.C.) como sacerdote da Ordem de Melquisedeque. Isto teria ocorrido segundo a descrição seis meses depois da ressurreição, sendo assim, Jesus ainda estaria vivo. E na verdade, permaneceram muitas descrições sobre as suas viagens e reuniões após esse período no *Acto dos Apóstolos*, depois da data da morte de Jesus. Essas descrições também podem dever-se à falta de rigor nas datas por quem os escreveu ou transcreveu. Ou teria Jesus sobrevivido à crucificação. Para Jesus vir a ser Rei-Sacerdote teria que primeiro ser sujeito ao ritual de Melquisedeque, ser confirmado e passar a ser chamado “Aquele Divino Príncipe da Luz”.

Na tradição oral desta região, diz-se que S. João Baptista, Tiago e o próprio Jesus pertenciam a esta comunidade dos Essênios e que os três eram Príncipes Sacerdotes, tendo portanto os atributos necessários para virem a ser considerados Messias e tornarem-se Sacerdote-Rei, podendo governar a Palestina (Eisenman, 1983; Gardner, 2005).

3.3.2. Os Essênios e a sua existência em Qumram

Os essênios, como sacerdotes angelicais, ditavam a regras para os casamentos dinásticos e nascimentos, com todo o poder espiritual, segundo o *Pergaminho de Cobre*, encontrado nas escavações em Qumram. Aqui encontraram-se relíquias datadas cerca de 3500 a.C., assim como os manuscritos encontrados no Mar Morto (Gardner, 2005; Thiering, 1992). Também o historiador Flavius Josephus confirma o poder dos Sacerdotes Angelicais e a sua influência durante mais de três séculos. Influência essa que se estendeu cem anos depois da crucificação de Jesus. Além da

evidência dos escritos, foi encontrada uma coleção de moedas referente a um período do governo hasmoneano de João Hyrcanus (135-104 a.C.) até a revolta Judia de 66-70 a.C (Allegro, 1964, 94; Gardner, 2005, 69).

3.3.3. O Pergaminho de Cobre encontrado em Qumram previa dois importantes Messias

O Pergaminho de Cobre descreve que os Essênios previam dois importantes Messias e por isso os Sacerdotes de Qumram viviam nessa expectativa há séculos. Um deles tinha que ser da casta Sacerdotal dos Macabeus, a quem os Essênios chamavam de Professor das Virtudes; outro seria um Príncipe da linha de David – um guerreiro que devolvesse o reino a seu povo (Gardner, 2005, 168).

Da linha Sacerdotal dos Macabeus, Zadoque era S. João Baptista, o representante do Arcanjo Miguel, que deixou bem claro que não era o Messias real: “Eu disse, mas fui enviado como seu precursor” (*João 3:28*). S. João Baptista foi detido e aprisionado por Herodes Antipas, Tetrarca da Galileia. João condenou publicamente o casamento de Herodias com Herodes, divorciada do meio-irmão do seu marido, Herodes Filipe. A filha de Herodias exigiu que João fosse executado e Herodes Antipas obedeceu, executando-o em Setembro do ano 31 d.C. (Mateus 14:10). A sua morte foi considerada desprezível e muitos dos seus seguidores voltaram novamente para Jesus, tanto mais que S. João Baptista já tinha revelado que Jesus era o Messias esperado. Jesus era da linha de David, assim como Tiago, irmão de Jesus que também era Zadoque (Gardner, 2005; Allegro, 1964).

O Messias da linha Sacerdotal Angelical, da linhagem dos Macabeus Hasmoneanos, o outro Messias muito esperado, nunca se revelou e os Sacerdotes Essênios continuaram a esperar sem que esse Ungido aparecesse. Ou teria parecido? (Gardner, 2005).

3.3.4 Maria Madalena seria o outro Messias esperado

Naquele tempo, nenhum Sacerdote imaginaria ou lhe passaria sequer a ideia pela cabeça que uma mulher pudesse ser o Messias esperado. Ou passaria? Maria Madalena era a apostola que mais se mostrava à altura do nível espiritual de Jesus. O

Evangelho a si atribuído, demonstra isso. Maria Madalena, da linha Sacerdotal Hasmoneana, dos Macabeus, educada no Mosteiro de Qumram como sacerdotisa para o seu casamento dinástico com Jesus faria dela consorte real, se Jesus viesse a tornar-se Rei Sacerdote. Pela unção, Maria Madalena, sacerdotisa real, tinha o poder de tornar Jesus o Ungido ou Messias. Como o dom do Espírito Santo estava associado às mulheres, talvez os Sacerdotes Angelicais tivessem equacionado essa possibilidade (Gardner, 2005; Thiering, 1992).

Na realidade, se Maria Madalena foi educada com os Sacerdotes de Qumram, como Sacerdotisa e com toda a sabedoria que o seu Evangelho demonstra, e fez todo o seu percurso espiritual ao lado de Jesus (Gardner, 2005), poderia ser, caso fosse homem, o outro Messias que faltava aparecer da linha Sacerdotal - “O Professor das Virtudes” -, uma vez que descendia da linhagem real dos Macabeus, que governava no seu tempo a Palestina. Será que os Sacerdotes Angelicais sabiam que o outro Messias teria que ser mulher? Este pode ser um dos mistérios que envolvem os segredos da vida de Maria Madalena: ser o outro Messias, feminino, da linha dos Macabeus Hasmoneanos. A verdadeira razão das previsões da vinda dos dois Messias poderia pôr em causa a reposição do lado Feminino de uma Divindade que, para ser completa, teria que ter as duas polaridades, representadas por um casal de dois Messias. Assim, Maria Madalena e Jesus ajustam-se às profecias sobre a vinda dos dois Messias esperados, como consta no *Manuscrito de Cobre*, encontrado em Qumram. A Deusa, culto feminino, foi substituída pelo Deus masculino, que daria lugar finalmente a uma divindade que representasse os dois lados do ser, através de dois Messias esperados; Jesus e Maria Madalena. Jesus sacerdote e conhecedor da Cabala veria repor todos os ensinamentos baseados principalmente na Árvore da Vida, vista como o Corpo do Deus da Criação, e que a doutrina judaica apenas venerava o aspecto masculino desse Deus Criativo.

Na Árvore da Vida existem vários aspectos de Deus, forças simbolizadas pelas várias esferas que a compõem, que emanam energias ora femininas ora masculinas. Os diversos aspectos de Deus, dos arcanjos e dos coros angélicos associados a cada Séfira, ou esfera, podem ser identificados como arquétipos do inconsciente colectivo. Segundo Jung, um arquétipo é um complexo autónomo dentro da personalidade humana. Como tal, funciona independentemente da consciência pessoal e “comportar-se” como uma entidade separada. Cada arquétipo controla um aspecto distinto da personalidade e/ ou do comportamento humano (Jung, 1981). A Árvore da Vida

composta por duas colunas; a do lado direito é atribuído o poder activo -masculino, a do lado esquerdo é atribuído o princípio passivo - feminino. A coluna central, conhecida como Pilar da Moderação ou Equilíbrio, é o factor harmonizante que une e concilia os Pilares laterais enviando energia feminina e masculina para essas duas colunas (González, 2005,68). Esta Árvore da Vida contém o arquétipo universal da Mãe, que se identifica com a Natureza, o princípio feminino, e com a grande deusa das religiões mundiais. Identifica também o arquétipo Divino que varia de acordo com as diversas religiões e com a cultura individual e a condição sociológica de cada qual (González, 2005, 225). Para Jung, um equilíbrio perfeito da personalidade, bem como da saúde mental, é vital que cada arquétipo se encontre bem desenvolvido e assimilado pela pessoa (Jung, 1981). Por tudo isto seria natural que Jesus, mestre de grande sabedoria, criticasse a religião judaica e fizesse apologia a uma Divindade que representasse o lado feminino e masculino da vida. Jesus respeitador das leis e observador dos ensinamentos descritos no Livro da Génese, que dizem: Deus criou o ser humano “à sua imagem e semelhança”, sendo a sua representação a imagem de um homem e uma mulher, Adão e Eva (Santos, 2008; Walker, 2002; Lutterworth, 1994. Bishop, 1997; Delumeau, 1983).

3.3.5. Regras do casamento Dinástico

A casta Sacerdotal dos Macabeus Hasmoneanos eram os parentes ancestrais de Maria Madalena. Estes sacerdotes da linha angelical, os Essênios, representantes dos anjos na Terra, possuíam as suas regras para os casamentos dinásticos, que não nada tinham em comum e eram bem diferentes das normas maritais do povo judeu. Mas ambas respeitavam o poder através do sangue que era prolongado através do sistema das alianças nos casamentos reais (Gardner, 2005, 150- 155). “Nas Sociedades antigas, onde predominavam os sistemas de alianças, havia uma sociedade de sangue – ia dizer de “sanguinidade” (...) o poder através do sangue; este é uma *realidade da função simbólica* (Foucault, 1977: 151-152). Os casamentos dinásticos obedeciam a regras, que eram cumpridas em várias fases até o casamento estar concluído (Gardner, 2005, 70- 75). Três meses após a cerimónia de noivado, um primeiro casamento era formalizado para começar o matrimónio no mês de Setembro. Relações físicas eram permitidas depois disso, mas apenas em Dezembro. Isso servia para garantir que

qualquer nascimento dinástico ocorresse seguindo a expiação no mês de Setembro. (Porque este mês era considerado um mês de expiação e não era favorável conceber nele). Se a noiva não concebesse, depois do período a partir de Dezembro, as relações íntimas eram suspensas até Dezembro seguinte e assim sucessivamente (Gardner, 2005, 151). Se a esposa em período probatório concebesse, um segundo casamento era realizado para legalizar o matrimónio. Entretanto, antes deste segundo casamento acontecer, a noiva ainda era vista como uma almah ou donzela irmã (Gardner, 2005, 23-26). Até a finalização do segundo casamento, descrito pelo historiador Flavius Josephus, este era celebrado quando a jovem estivesse com três meses de gestação e depois disso não havia contacto físico entre o casal. O objectivo desse prolongamento era o medo da possibilidade de um aborto (Gardner, 2005; Thiering, 1992). O segundo casamento ocorria quase sempre no mês de Março. O motivo desse segundo casamento ocorrer durante a gravidez fora bem determinado para garantir a mudança legal da esposa. Caso a jovem fosse estéril, nunca seria considerada casada, e a noiva voltaria para o mosteiro, como almah (Gardner, 2005; Josephus, 2008). E deste modo, o marido real tentaria novamente com outra futura esposa. Porque a razão do casamento existir era o nascimento de uma criança que garantisse a continuação dinástica.

3.3.6. Ritual da unção e do vinho sagrado no casamento

Segundo o historiador Josephus “se tudo corresse de acordo com as regras estabelecidas, o casamento era realizado, com a unção dos óleos na cabeça do Noivo-Rei, pela noiva Sacerdotisa de sangue real (Starbird, 1993; Gardner, 2005; Josephus, 2008). E a bebida sagrada era o vinho que só podia ser servido pelo Rei-Sacerdote, o Noivo-Rei nos Casamentos Dinásticos. A festa poderia levar sete dias com banquetes, danças, poesia e muita música (Gardner, 2005). Por isso, muitos especialistas afirmam que nas bodas de Canaã narradas do Novo Testamento, o casamento era do próprio Jesus com Maria de Madalena. O Noivo-Rei-Sacerdote era Jesus porque foi ele quem serviu o vinho e até fez o milagre quando se acabou ao fazer surgir mais vinho e de melhor qualidade. *O Manuscrito da Regra de Qumram* define que em mesas de tais comunidades, o ritual do serviço do vinho num casamento era obrigatório ser feito

pelo Sacerdote que o preside ao casamento, ou seja, o noivo (Gardner, 2005, 70). E a maior relevância deste facto é que a permissão para beber do vinho cerimonial no casamento era dado somente aos levitas totalmente iniciados. (Thiering, 1992; Gardner, 2005). No entanto, parece que ali foram quebradas as regras. Ao que tudo indica nem todos os convidados seriam iniciados, ou então, a designação de bodas de Canaã poderia ser referência a um banquete de noivado e, assim, estaria justificada a presença de muitos convidados considerados gentios (Gardner, 2005). No caso de ser simplesmente uma festa de um banquete de noivado Jesus (que chegavam a levar muitos dias), ele tinha do mesmo modo a obrigação de servir o vinho, papel que competia ao noivo porque estava implícito o dever de presidir ao banquete, segundo a tradição da altura (Gardner, 2005; Josephus, 2008). Este banquete é narrado em todos os Evangelhos. Jesus serviu o vinho nas bodas de Canaã, assim está descrito. Não se menciona o momento do Matrimónio quando é servida a bebida sagrada, mas sim a falta do vinho. Também seria pouco provável que o vinho bebido no ritual da cerimónia do casamento acabasse durante essa cerimónia. Mas sim o vinho que era servido durante os sete dias que durava o casamento. Nos Evangelhos, é dada relevância apenas ao milagre de Jesus, por este ter transformado a água em vinho.

3.3.7. Casamentos dinásticos, profecias e o Graal

No casamento Dinástico era exigido ao herdeiro da sucessão real que tivesse o seu primeiro filho perto ou no seu aniversário de 40 anos. Quarenta anos considerado um período de uma geração real do Antigo Testamento (Thiering, 1992; Gardner, 2003, 163). A razão dessa contagem baseava-se no facto de Isaque tomar por Mulher Rabeca quando tinha quarenta anos (*Génese* 25:20). Uma vez o reinado iniciado, o padrão de 40 anos foi usado em todos os registos, sem considerar o que possa ter acontecido na realidade – “David reinou em Israel por 40 anos” (*1 Reis* 11:42) e “Joás começou a reinar, e reinou 40 anos em Jerusalém” (*2 Reis* 12:1). O nascimento do Messias foi profetizado em *Zacarias* 9:9, depois de terem passado 27 gerações cada uma de 40 daria o número 1.080 que era visto como o número mágico lunar do eterno feminino - a energia espiritual das fontes e correntezas. O seu oposto polar na força solar era o número masculino 666. Como é dado no *Apocalipse* 13:18, “é o

número do homem”. Os dois números, masculino e feminino, totalizam 1.746, que Platão chamou de “fusão”, e no sistema numérico da Geometria grega esse era o número do Sagrado Matrimônio – o *Hieros Gamos* (Gardner, 2003,163; Mitchell, 1971, 91). Jesus tinha nascido nesse tempo e para cumprir na totalidade a profecia tinha que ser casado e ter um filho dentro das regras e dos períodos de 40 anos do casamento dinástico.

Segundo Gardner, o ritual do casamento de Maria Madalena com Jesus teve lugar em Betânia, em Março 33 d.C., na época em que a cabeça de Jesus foi ungida por Maria e ele obteve a condição messiânica por estar completo esse período 40 anos (Gardner, 2005). E o segundo casamento tinha acontecido uma semana antes da Páscoa judaica, porque Maria Madalena tinha garantido a sucessão através de um herdeiro dinástico, tendo desse modo o poder de o ungir (Gardner, 2005). Mas Jesus foi crucificado, tudo se precipitou. Madalena teve que fugir, assim como os irmãos de Jesus, mãe e amigos. Durante a fuga para o Egito, segundo alguns, ou para a Gália, no Sul de França, nasce uma rapariga, Tamar, ou Damaris, terceira filha de Jesus e Maria Madalena em 33 d.C. Os outros dois filhos, Josefes e Jesus II, o Justo (Gardner, 2005, 294), vêm a dar origem à geração de Reis Pescadores, que mais tarde a rainha santa Helena e mãe de Constantino, o Grande, disse pertencer.

O nascimento de Tamar foi regulado dentro dos preceitos de um casamento do Sacerdote-Rei com a Sacerdotisa, na esperança que viesse a nascer o outro Messias anunciado. O facto de ter nascido uma mulher seria o sinal de uma nova era. A mulher começaria a ser respeitada pela sua condição. Mas seria Tamar o outro Messias esperado? Pouco se sabe sobre a sua vida, mas consta que casou com S. Paulo. E Ana, prima de Tamar, filha de José de Arimateia, também conhecido por Tiago, o Justo, irmão de Jesus, casou com o filho do rei da Britânia, Rei Llyr dos Bretões. Chamava-se Arquidruida de Silúria, do seu nome Brân, o Abençoado. Desse casamento, nasceu o famoso Penardon, que por sua vez contraiu matrimônio com Silúria. Foi a partir deste casamento que nasceram todas as lendas do Rei Artur.

O rei Penardon e Silúria 74-125 d. C., pais do Rei Colel I de Camu-lot, tinha uma corte famosa, composta por cavaleiros que aspiravam a encontrar o Santo Graal, que mais tarde virá dar origem à corte do Rei Artur (Gardner, 2005). Estes casamentos deram origem à linhagem Merovíngia dos reis de França, que sempre afirmaram serem descendentes de Jesus e de Maria Madalena, e lhe prestaram um constante culto. Também foi em França que pela primeira vez surgiu a ideia de Maria Madalena

ser a portadora do cálice do Graal. A lenda conta que ela chegou à Gália, levando no seu ventre o Santo Graal, por estar grávida (Gardner, 2005).

O Graal para muitos é também o encontro com o Cristo interior, que cada ser trás dentro de si. Para outros, é um objecto externo, um cálice. Para os Templários e os Cátaros era a sabedoria feminina que Maria Madalena representava. Toda a sua vida ao lado de Jesus, o seu Evangelho, era o caminho para o conhecimento e todos os seus ensinamentos vêm lembrar que a Humanidade pode ser salva da sua ignorância, e do esquecimento da sua origem divina (Leloup, 2006). A salvação da Humanidade é antes de tudo um conhecimento, um ensinamento que a torna “livre” de seus apegos e de suas identificações, com as todas as coisas materiais (Leloup, 2006, 46).

Toda a mensagem do Evangelho de Maria Madalena é sobretudo um apelo ao culto da nossa fonte interior e seu princípio e à reintegração do feminino e do masculino em cada ser, porque dentro dessa totalidade está o Santo Graal.

3.3.8. Sucessão e regras para o nascimento dinástico

As regras para o nascimento dinástico que Maria Madalena e Jesus tiveram de cumprir: durante a gestação, o casal não tinha permissão para manter contacto físico. Caso um filho nascesse, essa restrição era mantida por 6 anos (Thiering, 1992, 367).

As crianças que nasciam debaixo das regras do casamento Dinástico eram criadas no centro monástico, no qual as suas mães também viviam. Sabe-se que havia um complexo residencial, nas cercanias de Qumram que era referido como “Belém da Judeia” (como oposição para separar o povoado de Belém ao sul de Jerusalém). (Thiering, 1992; Josephus, 2008). Mateus afirma no seu evangelho (2:4-5) que Jesus nasceu em “Belém da Judéia”, originalmente, um palácio para a realeza Hasmoneana. *O Pergaminho de Cobre* de Qumram identifica-o como a “Casa da Rainha”, onde Jesus teria ido viver com a sua mãe os primeiros seis anos de vida, dentro dos preceitos dos nascimentos dinásticos (Gardner, 2005). Os Sacerdotes Angelicais do mosteiro de Qumram ditavam as regras para os casamentos e nascimentos e forneciam alojamento e educação para aqueles que iam ser Sacerdotes Reais, tais como as *almahs* seriam educadas para esposas sacerdotisas (Gardner, 2005) Como foi caso de Maria mãe de Jesus e de Maria Madalena, revela a pesquisa de Barbara Thiering,

membro da Universidade de Sydney. A sua pesquisa é baseada nos *Manuscritos do Mar Morto* e no *Pergaminho de Cobre*, que define os códigos dos escribas da comunidade dos Essênios (Thiering, 1992).

3. 4. A história do achado do Evangelho de Maria

O Evangelho de Maria Madalena apareceu num antiquário de Achmin e foi adquirido por C. Reinhardt, no Cairo. Está conservado desde 1896 no Departamento de Egiptologia dos Museus Nacionais de Berlim (Leloup, 2006). De acordo com C. Schmidt, teria sido recopiado no início do século V. A descrição papiro lógica do manuscrito foi feita por W.C.Till, em continuação aos trabalhos de C. Schmidt. Em seguida foi adequado e completado por H.M. Schenke (Till, 1972). O Evangelho de Maria Madalena não está completo, faltam muitas páginas, o que às vezes dificulta a sua interpretação. Escrito em copta saídico, com certo número de empréstimos de dialectos, pode-se notar alguns erros de escrita ou erros de transcrição (Leloup, 2006). Quanto à datação do escrito original é interessante notar que existe um fragmento grego que foi identificado com o texto copta pelo professor Carl Schmidt: o papiro 463. Este provinha de Oxyrhynque e foi datado do início do século III. A primeira redacção do Evangelho seria anterior, no decurso do século II, segundo o investigador W.C. Till, que o situa em torno do ano 150. Como os outros Evangelhos, tratar-se-ia de um dos textos fundadores ou primitivos do Cristianismo (Leloup, 2006, 9). Entre os achados do Mar Morto foi encontrada uma cópia do Evangelho de Maria Madalena, mas perdeu-se a maior parte dele durante a Segunda Guerra Mundial, facto que não deixa de causar estranheza (Gardner, 2005; Leloup, 2006).

3.4.1. Evangelho de Maria Madalena ou Evangelho da Visão

O Evangelho de Maria, atribuído a Míriam de Mágdala ou Maria Madalena, primeira testemunha da ressurreição e considerada pelo apóstolo João como sendo a fundadora do Cristianismo, trás nova luz sobre a sua vida (Leloup, 2006, 8).

No Evangelho de Maria, Pedro pede a Maria para que fale das palavras do Mestre que, talvez, ele e os outros discípulos não teriam “escutado”. Maria responde-lhe que não foram palavras que ela efectivamente ouviu, mas sim uma “visão” que teve: “Aquele que não vos foi dado escutar, eu vos anunciarei: eu tive uma visão ” Nesta passagem do Escutar ou Ver não surpreenderá os conhecedores dos primeiros séculos do Cristianismo ou do judaísmo do tempo de Jesus. Trata-se de um velho debate: o que é preciso privilegiar, a escuta ou a visão? Dir-se-á facilmente que os semitas são o povo da escuta (shema Israel, “ Escuta Israel”) e os gregos serão o povo da visão. Qual é o órgão privilegiado do conhecimento? Onde se situam os primeiros cristãos neste debate? (Leloup, 2006, 8-9).

Todos os textos que são atribuídos ao apóstolo João também parecem privilegiar a visão: “A vida se manifestou, nós a *vimos* e damos testemunho disso” (*1Jo 1,2*) e quando cita Jesus, diz: “ Abraão *viu* o meu dia, e ele se alegrou” (*Jo 8,56*). (Leloup, 2006, 117). Alguns dirão que, no Evangelho de Maria, Pedro e os discípulos são ouvintes da Palavra, ainda não chegaram à Visão, onde ela, Maria Madalena chegou (Leloup, 2006, 118. Thiering, 2003; Till, 1972).

3.4.2. Outros textos escritos em nome de Maria Madalena

Além do Evangelho Segundo Maria, outros dois textos escritos estão em nome de Maria Madalena: *As Perguntas de Maria*, mencionado por Epifânio, e também o *Nascimento de Maria*, cujo episódio é relatado por Epifânio. Enquanto *As Perguntas de Maria* só são conhecidas pelas citações de Epifânio, a retomada dualista e ascética destas “Perguntas” está desenvolvida num volumoso manuscrito copta da British Library, Suplemento 5114, conhecido desde o século XVIII sob o título de Pistis Sophia (Leloup, 2006, 11). Está comprovado que Maria Madalena era considerada no Cristianismo primitivo como a encarnação da *Sophia*, a Verdadeira Sabedoria, aquela que pode desposar o *Logos* na história e na meta-história (Leloup, 2006, 153).

3.4. 3. Evangelho de Maria seu texto e as citações e a sua visão espiritual

O Evangelho de Maria testemunha um outro modo de conhecimento, diferente daquele que o espírito masculino tem geralmente acesso. Trata-se de um conhecimento tipo profético ou visionário que não é próprio das mulheres, mas que pertence certamente à dimensão feminina, angelical ou “oriental” do conhecimento humano (Corbin, 1979). Esta afirmação do investigador Corbin vem reforçar a ideia que Maria Madalena teria sido educada e preparada como sacerdotisa real pelos Sacerdotes Angelicais, do mosteiro de Qumram, onde teria tido a influência do culto e estudo dos anjos na sua educação, influência que está reflectida no seu próprio Evangelho (Gardner, 2005; Leloup, 2006). No Evangelho Segundo Maria Madalena, Jesus confia-lhe palavras que os outros discípulos ignoram, ela ocupa o lugar deixado vago por Jesus, comunica os segredos recebidos e explica-os no *Evangelho Segundo Maria*, página 7 (faltam as páginas de 1 a 6).

1 - (...) “O que é a matéria? 2 - Ela durará para sempre? 3 - O Mestre respondeu: 4 - “Tudo o que nasceu, tudo o que foi criado” 5 - “ todos os elementos 6- estreitamente ligados entre si. 7- Tudo que é composto se decomporá; 8 - tudo retornará às suas raízes; 9 - a matéria retornará às origens da matéria. 10 - Que aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça”. (Leloup, 2003, 45). A resposta de Jesus é bem reveladora do seu conhecimento sobre as leis da Natureza.

O Evangelho Segundo Maria incomodava a Igreja, na medida que punha em relevo uma mulher como transmissora dos conhecimentos do Mestre. Além disso, os seus ensinamentos contrariavam a sua doutrina. Provavam que no caso da ressurreição de Jesus, o seu corpo físico não tinha ressuscitado. A Igreja de S. Paulo e de Pedro afirma que Jesus ressuscitou com o corpo físico. Mas segundo a narração de Maria Madalena no seu próprio Evangelho, Jesus aparece-lhe numa visão, depois da ressurreição e ela fala com ele sem se perturbar, motivo pela qual Jesus a felicita, dizendo: “ Bem-aventurada, tu que não te perturbas à minha vista. Onde está o “nós” aí está o tesouro”. (Leloup, 2006, 31). Maria pergunta a Jesus: “ Senhor, no Instante, aquele que contempla, Tua aparição, é pela psique (alma) que ele vê? “Nem pela psique nem pelo Pneuma; mas o “nós” estando entre os dois, é ele que vê e ele é que ..., responde Jesus (Faltam as páginas de 11 a 14 neste Evangelho de Maria encontrado incompleto). Nesta última afirmação, Jesus explica a Maria Madalena que o “nós” é um segmento da alma, que fica entre a alma (psique) e o Pneuma (o Espírito, sopro). No Evangelho de Maria, é precisamente o “nós” (espírito do ser humano) que acolhe o Pneuma (Espírito da Divindade) e comunica a sua chama e a

sua luz aos outros elementos do composto humano. Ele assume a herança grega, platônica e neoplatônica (o homem: corpo – alma - espírito) e a herança semítica, que considera o Pneuma (Ruah, em hebraico) como o Sopro sagrado ou o Espírito Santo que dá ao composto humano coesão e vida (Leloup, 2006, 123-134).

O “nous”- ou a imaginação criadora - de Maria Madalena é, de uma certa forma, cego. É por isso que ela vê, mas com os olhos da alma, no plano espiritual superior que é chamado o plano “causal” no esoterismo. A sua imaginação é mesmo, como disse Heidegger, “sem pátria”, isto é, “sem terra”, sem matéria para ver, sem corpo a tocar, e portanto ela vê, como outrora o tinha visto com os seus olhos terrenos, na sua visão espiritual (Leloup, 2006, 133).

No mesmo livro da página 25, no “Evangelho de Maria”, pág. 7, Pedro interroga Jesus sobre o que na época se chamava “o pecado do mundo”. A expressão não é muito clara, mas na época só o facto de se existir já era considerado pecado por muitos (Thiering, 2003; Leloup, 2006). 11- Pedro diz, interpelando Jesus: “Já que tu te fazes intérprete 12 - dos elementos e dos acontecimentos do mundo, diz-nos: 13 - O que é o pecado do mundo? 14 - O Mestre responde: 15 “Não há pecado 16 - Sois vós que fazeis existir o pecado 17 - quando agis conforme os hábitos 18 - da vossa natureza adúltera 19 - aí está o pecado. 20 - “Eis que o Bem veio entre vós 21- Ele participou dos elementos de vossa natureza 22 - a fim de reuni-la a suas raízes” 23- Ele continuou e disse: 24 - “Eis porque estais doentes 25 - e por que morreis: 26 - é a consequência de vossos actos; 27- vós fazeis o que vos afasta... 28 - Quem puder, compreenda” (Leloup, 2006).

A matéria não é má, nem nada que existe no mundo, o corpo, a sexualidade não são maus nem pecaminosos. Tudo é puro para aquele que é puro, sois vós que fazeis existir o pecado.” São estes ensinamentos de Jesus transmitidos nos Evangelhos bem reveladores da sua doutrina. “O pecado não existe, somos nós que o criamos com a nossa imaginação doentia.” É esta imaginação que é preciso curar, ou melhor curar a nossa “falta de imaginação”. Somos responsáveis pelo mundo em que vivemos, porque somos nós que de uma certa maneira, o criamos, o interpretamos positivamente ou negativamente. Evangelho de Míriam de Magdala (Leloup, 2006,51). O Cristianismo, tal como aparece no Evangelho segundo Maria Madalena, é um caminho do conhecimento e do autoconhecimento. Apesar de estar incompleto por ter sido encontrado quase destruído, não deixa de ser um precioso documento. Foi este Evangelho que a Igreja fez desaparecer logo nos seus primeiros tempos porque

ele desmente a maior parte dos seus ensinamentos, que fazem parte da sua doutrina, mas há provas da sua circulação até ao ano 140 d.C. através de certos diálogos dessa época (Gardner, 2005). Por exemplo: “Onde está o *nous*, aí está o tesouro.” A palavra *nous* foi frequentemente citada por Clemente da Alexandria, Justino, Macário e por numerosos outros escritos, o que prova que o Evangelho de Maria circulava livremente nos primeiros anos do Cristianismo (Leloup, 2006, 121).

3.5. Existem muitos textos, documentos, manuscritos, obras de arte

Embora não exista qualquer menção, nos actos dos apóstolos ou nas cartas de S. Paulo, em outros documentos e textos não considerados pela Igreja, sobre a saída de Maria Madalena, Lázaro ou Marta de Jerusalém, após a crucificação de Jesus, estas fugas estão assinaladas (Gardner, 2005). A viuvez de Maria Madalena não seria divulgada por ser demasiado perigoso, assim como os amigos especiais de Jesus que deixaram de fazer parte da comunidade não o foram quando as cartas de São Paulo foram escritas (53-63 d.C.). Após a crucificação houve uma perseguição a toda a família de Jesus e aos seus discípulos. Só mais tarde é que aparecem muitos documentos e textos. Por exemplo, há um manuscrito ilustrado do arcebispo Rábano Mauro, que conta como Maria Madalena, Marta e Simão, Lázaro e outros companheiros deixaram a costa da sua terra natal (Gardner, 2005, 172). “E favorecidos por um vento oriental, eles viajaram cruzando o mar entre a Europa e a África, deixando a cidade de Roma e toda a terra de Itália ao lado direito. Então felizmente, mudando de curso para direita, eles chegaram à cidade de Marselha, na próxima gália de Vienne.”

Em algumas bibliotecas de Paris, há vários manuscritos muito mais antigos que os de Rábano Mauro, 776-856, que testemunham a missão de Maria Madalena na Provença (Gardner, 2005, 173). Também o jesuíta, Jean Bolan, no século XVII, republicou a história da ida de Maria contida num hino, que retirou dos arquivos da *Acta Sanctorum*, com data do século IV (Taylor, 1969, 103). Um século antes dos frades cassianos fundarem a capela de La Sainte-Baume, para onde afirmam ter ido os restos mortais de Maria Madalena.

Outro manuscrito do século IX, intitulado *Vita emeritica beatae Mariae Madgalenae*, considerado cópia de um original grego do século II, possivelmente escrito por Hegesipo, também descreve a estadia de Maria e sua morte no Sul de França. (Gardner, 2005).

No mundo das obras de arte religiosas, há numerosos retratos de Maria Madalena na Provença. Eles mostram a sua chegada de barco, o seu encontro com a rainha de Marselha, a meditar numa gruta, pinturas com Lázaro e Marta, e cenas em que prega para o povo de Languedoc (Gardner, 2005). Os registos são unânimes em determinar que o líder da missão provençal era Simão Zelote, que ficou conhecido como Lázaro, o Grande (Máximo). O irmão de Maria Madalena estabeleceu-se em Marselha, onde a sua estátua foi erguida na Igreja de São Vítor, perto do porto. Quando Maria Madalena morreu, Lázaro colocou-a num sepulcro de alabastro na Capela de S. Maximus em 63 d.C. O seu corpo foi séculos mais tarde transladado para a Igreja de Vézelay por causa das invasões árabes no sul de França (Gardner, 2003, 173). Sobre a estadia de Maria Madalena na Provença existem muitas histórias, muitas capelas, igrejas, muitas obras de arte, muitos manuscritos sobre a sua vida no Sul de França, mas a Igreja Católica não confirma nem desmente esse facto. Embora em relação a Maria, mãe de Jesus, a Igreja afirme que morreu em Efeso, assim como está escritor que Pedro, Paulo e Tiago morreram em Roma. A Igreja chega a descrever lugares em que outros discípulos teriam pregado e fundado Igrejas. Mas em relação a Maria Madalena existe omissão premeditada que é coerente com toda a atitude inicial em ignorar a sua existência, por causa da mensagem contida no seu Evangelho, evitando desta maneira, o perigo da descoberta dos seus ensinamentos e da sua inevitável influência (Gardner, 2005).

3.5.1. A chegada das cinco mulheres apostolas à Provença envolta na lenda

Nos primeiros anos do Cristianismo, o Sul de França era uma zona de refúgios de muitos judeus e de outros povos. Em Marselha e na região provençal, até o século V, a língua oficial era o grego (Taylor, 1974, 17). Na Palestina também se falava grego. Os ajustes linguísticos também foram feitos com referência aos gentios (não judeus), para que, dentro de todas as variáveis linguísticas, houvesse uma compreensão mútua

(Taylor, 1974). Por estas razões, a língua greco-romana da Gália era muito familiar para Maria Madalena e os seus companheiros (Gardner, 2005,175).

Maria Madalena, Marta, e Lázaro chegam a Provença pelo mar da Gália fugidos de Herodes, o Grande, segundo vários historiadores. Outras versões contam que na viagem para a Provença estavam as irmãs de Jesus, Sara Salomé e Maria Jacó. E Helena Salomé, a consorte de Simão Lázaro. Todos estes acompanhantes estão enterrados na cripta de Les Saintes Maries de la Mer, em Camargue (Gardner, 2005, 174). Helena Salomé, tia de Jesus, foi sacerdotisa da ordem de Éfeso, e por isso usava uma túnica vermelha de hierodulai. Helena era o seu nome de baptismo, mas como conselheira espiritual da princesa Salomé, filha de Herodes, chamavam-lhe também Salomé de acordo com o costume. Helena Salomé era mãe dos apóstolos Tiago e João de Boanerges, filhos de Zebedeu, nome pelo qual Simão também era conhecido (Thiering, 1992, 333). Sara Salomé, irmã de Jesus, sacerdotisa nazarena que se vestia de negro, tornou-se santa padroeira reverenciada pelos ciganos, a quem chamavam de Sarah-la-Kali, ou Sara de Negro. Até hoje, a 24 de Maio, Roma organiza uma peregrinação em sua honra, levando o seu relicário numa procissão no mar (Gardner, 2005, Thiering, 1992). Maria Jacó, a jovem viúva de Clopas (João 19:25), era muito popular em Inglaterra até à Idade Média, como sacerdotisa nazarena. A sua vida está descrita nos *Actos de Madalena* e no antigo Manuscrito da História de Inglaterra do Arquivo do Vaticano. Maria Jacó e Sara Salomé foram as duas apelidadas de “gypsies” por causa das suas constantes viagens de França para o Egipto. Uma antiga forma da palavra Egytian que deu origem ao tempo gypsy - cigano, como consta no dicionário Inglês “Oxford Concise” (Gardner, 2005, 175).

Margaret Starbird conta a história da chegada de Maria Madalena através de uma lenda francesa. “A exilada Magdal-eder, a refugiada Maria que procura asilo no Sul de França, é Maria de Betânia, a Madalena. A lenda francesa relata que Maria “Madalena”, viajando com Marta e com Lázaro de Betânia, desembarcou na costa da Provença francesa. Outras lendas dizem que José de Arimateia era o guardião do Sangraal, que podia ser *sangue real de Israel*, em vez de um cálice. O vaso que continha esse sangue, o cálice do mito medieval, deve ter sido a mulher do ungido “Rei Jesus” (Starbird, 1993, 69). É um facto que a maior parte dos apóstolos fugiu da Palestina após a crucificação e da perseguição feita por Herodes, o Grande, que reinou de 37^a a.C. a 4 d.C. A vinda deles acabou por influenciar as povoações do Sul de França por causa das novas ideias religiosas que eram portadores. A história ou lenda

de Maria Madalena como viúva de Jesus, que foi pregada no Languedoc influenciou, segundo alguns investigadores, uma cultura que floresceu no Midi, e que durante alguns séculos contribuiu para o surgimento de riqueza, igualdade e paz entre homens e mulheres, com a luz de uma imagem da *Dompna* (Senhora) - a inspiradora dos trovadores e poetas do século XII e XIII (Gardner, 2005; Starbird, 1993; Nelli, 1980).

3.5.2. A *Dompna* ou Maria Madalena dos trovadores cátaros

A palavra *Dompna*, na língua oc da região de Languedoc, corresponde ao latim *Domina* e o masculino *Dominus*, ou “Senhor”. Nos tempos dos trovadores dessa região, também conhecida como a região do povo cátaro, era frequente as suas trovas serem dedicadas a uma dama apelidada de *Dompna* (Nelli, 1980). A região de Provença foi durante o século XII e XIII destino de trovadores, cantores e escritores que exaltavam as virtudes da sua “Dama” - uma mulher bela e encantadora, a quem desejavam servir em tudo e cujos favores ambicionavam e cuja exaltação não resistiam a cantar (Dufourcq, 1976). Estes trovadores exprimiam tantos sentimentos em honra de *Dompna* que muitos historiadores sugeriram que talvez os trovadores estivessem a louvar a Dama, Maria Madalena, ou a um ideal feminino (Nelli, 1980; O` Shea, 2003). A ideia que a *Dompna* fosse Maria Madalena existia nesta região, o seu culto era muito vivo entre o povo cátaro e a sua “Igreja Invisível” vivia independente de Roma. Os trovadores eram olhados pela Igreja de Roma com desconfiança, mas nesses tempos, esta ainda não estava suficientemente organizada, tinha pouco poder, pois debatia-se com muitas lutas entre líderes de Roma que queriam o Papa fora da sua cidade (Flori, 1999). O Papa e a sua hierarquia consideravam a doutrina do Graal uma heresia, assim como as canções de amor cavaleiresco eram desprezadas porque colocavam o sexo feminino num pedestal de veneração, contrariando a doutrina ensinada na Igreja Católica.

Segundo Nelli e outros historiadores, os cátaros denominavam a sua Igreja, de “Igreja do Amor” (Roma lida ao contrário). Por isso, foram perseguidos pela Igreja de Roma. Aquela Igreja também era conhecida como a Igreja Invisível. O tratamento em relação às mulheres era de quase igualdade, por isso muitos afirmam que os trovadores eram na sua maioria cátaros devotos da sua Igreja do Amor (Dufourcq,

1975; Nelli, 1980). As mulheres cátaras podiam casar caso quisessem, ou enveredavam por uma vida de celibato dedicando-se a ajudar os outros em orfanatos, asilos existentes já naquela altura nessa região. Nesta Igreja, as mulheres tinham acesso à educação, fossem pobres ou aristocratas. Algumas eram Perfeitas ou com outros papéis similares aos homens dentro desta Igreja. Existia também o culto ao amor, havendo uma iniciação com ritual, amor divino a Cristo. Daí a denominação Igreja do Amor (Nelli, 1980). Esses rituais, que não existiam na Igreja de Roma, tinham surgido nesta Igreja do Amor, a partir da ideia de que o casamento sem amor, ao ser abençoado pela Igreja, seria equivalente a descer ao nível mais material da vida (Rougemont, 1989). Por isso, os cátaros não concordavam com o casamento e preferiam não casar sem amor. E para aqueles que tinham escolhido o celibato tinham o ritual dos Preceitos Iniciáticos relacionados com o Amor a Cristo (Bayley, 2002; Rougemont, 1989).

3.5.3. O casamento de Maria Madalena com Jesus

A Igreja do Amor tratava as mulheres como iguais. Podiam praticar os mesmos rituais que os homens, transmitiam uma imagem de uma Igreja completa, formada pelo masculino e feminino. Hervás investiga estas questões: “O casamento de Maria Madalena levava à restauração do princípio feminino, no paradigma visual do Cristianismo curaria o cisma entre o espírito e a matéria que ainda hoje prevalece, ao mesmo tempo que curaria a psique ferida do macho e da fêmea. O Jesus Cristo ressuscitado nunca mais ficaria separado de sua Noiva (Hervás, 2005). Maria Madalena simbolizava o Graal, o mito das fontes eternas e o mito da água. Os trovadores tinham conhecimento de todos estes ensinamentos e significados através da Igreja do Amor (Gardner, 2005). O mais comum dos títulos atribuídos a Jesus nas liturgias latinas da Igreja Católica é *Dominus*, por isso era natural os cátaros chamarem a Maria Madalena, *Domina* ou na língua oc, *Dompna* (Nelli, 1980). Todo o movimento dos trovadores era inspirado na ideia da reposição do feminino, designado como “amor cortês”, segundo muitos investigadores (Rougemont, 1989). Não seria de admirar que os trovadores também cantassem o amor inspirado no casal que pregava o Amor Sagrado, já que a lenda sobre a estadia da *Dompna* em terras da Provença perdura até hoje. Maria Madalena simbolizava o mito das fontes eternas e o mito da água que tinha transportado o Santo Graal até terras da Provença (Gardner, 2005,

211). O seu casamento dinástico com Jesus na Terra foi uma materialização simbólica do Casamento Sagrado, da alma com o Espírito no Céu, segundo os ritos iniciáticos. Surgindo desta forma a oportunidade ao Espírito Santo descer através de um nascimento e de inaugurar uma Nova Era, a da restauração do feminino, através do Casamento Sagrado. As ideias sobre o amor e casamento de Maria Madalena circulava no panfleto da “irmã Catarina” e todos Evangelhos gnósticos tinham sido de algum modo transmitidas até ao século XIV, procurando elevar o Feminino em todos os aspectos (Picknett & Prince, 2001, 235) Por causa do Amor ideal, inacessível, os trovadores, civilizaram-se, aprenderam a relacionar-se com as mulheres de uma maneira oposta à prática da época; respeitando-as, venerando-as através do seu comportamento e das suas canções, dentro de um ideal imaginado, mas que os transportou para um nível superior de relacionamento em relação ao passado, influenciando desse modo o seu mundo circundante (Rougemont, 1989). Como diria Foucault “a religião foi a grande fonte normativa” (1984). Neste caso, poderia ter sido a fonte do amor cortês a Igreja Invisível ou do Amor, mas se foi só por causa do ideal de civilizar os Cavaleiros em relação às suas práticas amorosas tudo isso teria começado no contexto histórico de Languedoc. Por todos estes factos narrados, seria quase impossível os trovadores não terem sofrido influência da Igreja do Amor, já que o Conde de Aquitânia, Guilherme IX, é considerado o 1º trovador e poeta e amante da arte. Guilherme IX governava esta região e também dentro da Igreja do Amor mantinha uma posição de grande relevância. Era um crente praticante (Nelli, 1998). Todo este movimento parece ter surgido em primeiro lugar na região de Provença segundo muitos investigadores, de onde são oriundos muitos trovadores (Nelli, 1980; Rougemont, 1989).

3.6. Maria Madalena na arte registada a sua chegada a Provença

Maria Madalena foi cantada pelos trovadores e também pintada por artistas, homenageada com igrejas, esculturas, etc. A área de Provença era um centro de culto a Maria Madalena há muitos séculos, como atestam numerosas capelas, fontes, nascentes e marcos geográficos que têm o seu nome. Era a santa padroeira de jardins e vinhas ao longo de toda a região de Aquitânia, mediadora da fertilidade, da beleza e

da alegria de viver, a ela pertenciam os antigos domínios das deusas do amor da Antiguidade (Starbird, 2004, 87). Também os cultos pagãos dedicados às Virgens Negras eram associadas a Maria Madalena, assim como a figura de Diana, a *Caçadora*, e a deusa do amor e da magia Ísis (Picknett & Prince, 2001, 234). Não foi por acaso que o culto da Rose-Rosa (anagrama de eros) floresceu nos jardins da Provença (Starbird, 2004, 87), muitas vezes com mensagens simbólicas numa tentativa de revelação especialmente a seguir à Inquisição (Gardner, 2005). Por essa altura, apareceram muitos retratos de Maria Madalena com a simbologia do X, usado na Antiguidade para identificar a união sagrada do quarto nupcial. O símbolo do cálice eterno da mulher, simbolizado na Antiguidade com V (um receptáculo) foi encontrado com a datação de 3.500 a.C. associado ao símbolo do útero da Deusa Mãe. O Santo Graal foi comparado a um vaso porque diziam que levava o “sangue real” sagrado – o Sangréal (Starbird, 1993). A herança messiânica, considerada figurativamente contida dentro de uma taça. Era o cálice de Maria Madalena que levava o sangue dos Desposyni in útero (Desposyni termo aplicado a toda a família de Jesus), a quem os trovadores do Midi chamavam de “Gaal do Mundo” (Gardner, 2005, 54). O símbolo masculino, um V em reverso (um V ao contrário) representava uma lâmina ou um chifre. Era geralmente pintado como uma espada, apesar da sua representação mais poderosa estar na figura mitológica do unicórnio. Os dois V unidos pelos vértices formam um X. A influência romana trouxe uma nova cruz perpendicular e a cruz antiga passou a ser considerada sinal de heresia aos olhos da Igreja de Roma. À luz deste exemplo, pode descodificar-se certas mensagens de alguns pintores sobre a história de Maria Madalena, que desde sempre tentaram revelar a sua verdade. Por exemplo, na *Madona e a Romã*, de Sandro Botticelli, um anjo usa um X de fita vermelha no seu peito; na *Madona do Livro*, a Madona usa um X vermelho no seu corpete. Numa pintura de Fra. Angelico, *Noli me tangere*, 1441, na cena da ressurreição, há três marcas feitas com um X vermelho na relva em frente de Maria Madalena. Um dos quadros mais reveladores com respeito à maternidade de Maria Madalena e a ligação com o Graal é o quadro *Maria Madalena*, de Caravaggio, 1595, da colecção italiana do príncipe Pamphili. Estes são apenas alguns exemplos, entre muitas pinturas que existem sobre Madalena que mostram que os artistas conheciam a outra história da apostola, como era o caso de grandes figuras proeminentes da Igreja, assim como várias organizações religiosas, especialmente os Templários que tinham o culto a Bafomé-Sofia, que dizem ser, o culto aos restos

mortais de Maria Madalena (Gardner, 2005, 106-109; Picknett& Prince, 2001, 234-238). A viagem de Maria Madalena pelo mar para a Gália foi retratada por vários artistas. Um exemplo está exibido na Igreja de Les Saintes Maries, uma pintura de Henri de Guadermaris, que retrata a chegada de Madalena na costa de Provença. Outro pintor alemão, Lukas Moser, do século XV, tem um quadro *Viagem pelo Mar*, que está na Igreja de Maria Madalena no sul da Alemanha, em Tiefenbronn. De Giotto di Bondone, há um fresco na Capela de Maria Madalena, na Igreja de S. Francisco de Assis, *Viagem para Marselha*, de 1320. Haveria mais obras de arte para referenciar e que retratam a história do casamento de Maria Madalena. Assim como a existência do seu Evangelho conhecido nos meios letrados e artísticos, só à Igreja Católica convinha ignorar tudo isso (Gardner, 2005; Starbird, 1993).

3.6.1. A região de Provença do reino Aquitânia governada por Guilherme IX

Esta região sofreu ao longo de séculos muitas convulsões políticas e mudanças devido às invasões de muitos povos. Desde os primeiros anos do Cristianismo, que esta região estava ocupada pelos romanos. Só depois de outras invasões, foi conquistada pelos franceses e finalmente estruturada como condado independente de Aquitânia. Em 671, é liderada pelo 1º duque de Loup, sendo mais tarde invadida pelos Sarracenos. O duque Eudes consegue, no entanto, recuperá-la numa batalha. Entre 742 a 743, os filhos de Carlos Martel fazem campanha contra Aquitânia. Em 781, Carlos Magno (rei Franco) nomeia o seu filho Luís I, o piedoso, de apenas três anos de idade, rei de Aquitânia. Em 877, esta divide-se em dois ducados: Gasconha e Aquitânia. Em 1058, unem-se novamente os ducados e passa a ser nação até 1204 (Brunel, 1999). Guilherme IX, o trovador Jovem, governa a Aquitânia de 25/9/1086 a 10/2/1126. A sua corte é rica, luxuosa, a mais culta da Europa, possuía mais bens e riquezas que o próprio Rei de França. Estas riquezas permitiram-lhe eximir-se da Igreja de Roma e recusar o seu engajamento na 1ª cruzada contra os mouros (Cullin, 2002; Gardner, 2005). Guilherme IX educou os seus filhos dentro de valores espirituais, de tal modo que o seu sucessor Guilherme X foi considerado santo. Toda a região Aquitânia era, e ainda é, rica na agricultura, especialmente em vinhedos. A região de Champanhe tinha um comércio florescente. A Igreja Invisível ou do Amor tinha um papel activo na comunidade a que Guilherme IX pertencia, assim como

sobre toda a sua família e a maior parte dos nobres da região (Brunel, 1999). Guilherme IX pertencia à Igreja de Aquitânia, prestava culto a Maria Madalena. Alguns crentes fervorosos prestavam homenagem a Maria Madalena através de um ritual com preceitos iniciáticos, inspirado na sua ligação a Jesus (Rougemont, 1998). Assim como todo o seu povo, que comungava das ideias religiosas da Igreja Invisível ou Igreja do Amor. Por causa dos seus ensinamentos, eram chamados de cátaros, ou puros, embora fossem denominados pela Igreja de Roma como albigenses que mais tarde viriam a ser perseguidos e mortos por esta Igreja.

3.6.2. O conde Guilherme IX, o primeiro cavaleiro Trovador de Aquitânia

Segundo investigadores, Guilherme foi um dos primeiros trovadores e na sua corte estava rodeado de poetas e músicos. Ainda hoje muitas das suas obras poéticas sobre o amor estão publicadas. Poesias consideradas quase pornográficas, diferente ideia do culto do amor platónico que existiu e ainda existe sobre a Idade Média. As mulheres, que eram inspiradoras e o centro de onde emanava toda a poesia, o ideal do amor, representavam uma espécie de transposição do amor divino, uma graça natural e cativante, melodia mantém um ambíguo bastante limitado (Cullin, 2002; Nelli, 1999). Guilherme marca o início da idade de ouro da literatura da língua dita vulgar ou romana na França, inventou palavras-chave dos trovadores, da cultura cavaleiresca, fixou os cânones do lirismo cortesão que se perpetuaram através das gerações seguintes de trovadores e entre os trovadores do Norte da França – os Trouvères (Cullin, 2002; O'Shea, 2003; Flori, 1999; Markale, 1983). O seu governo e a sua corte proporcionaram as condições para mais tarde o filho Guilherme X, o Santo, realizar as suas aspirações espirituais. Também a sua neta, Leonor de Aquitânia, educada na corte, brilhou com a sua inteligência, beleza e cultura. O seu desempenho no governo do condado de Aquitânia baseou-se nos valores dos ideais da cavalaria, herdados do seu avô, que obrigavam o homem forte a colocar o seu serviço à disposição do mais fraco (Grousset, 1998; Gardner, 2005; Flori, 1999). O seu avô, Guilherme IX, apoiara e contribuíra para a existência de uma Igreja em Aquitânia, que nada tinha em comum com a Igreja de Roma. Guilherme era um homem poderoso rico, livre, independente e talvez por isso poeta.

3.6.3. Os Ideais da Cavalaria e o Amor Cortês como “modelo”

Modelo – Amor Cortês. O mais importante é o próprio modelo ter sido seguido, a sociedade dessa época se ter prestado tão bem a tratar as mulheres descritas pela literatura de divertimento (Nelli, 1993; Flori, 1999; Brunel, 1999). As relações entre o masculino e o feminino levaram a sociedade do Ocidente a um rumo singular. Ainda hoje, apesar da revolução da relação entre os sexos, os traços que derivam das práticas do amor cortês são aqueles pelos quais a nossa civilização se distingue mais abruptamente das outras (Duby, et al., 1996, v.2, 350). A personagem feminina foi colada no âmago de um dispositivo pedagógico que visa disciplinar a actividade sexual masculina, conter os excessos de brutalidade viril, pacificar, civilizar, no progresso geral e fulgurante do século XII. A parte mais violenta da sociedade, o meio das gentes de guerra. Para alguns investigadores, este modelo feminino foi inspirado na imagem que o povo cátaro tinha de Maria Madalena. (Grousset, 1998; Gardner, 2005; O’Shea, 2003; Nelli, 1980; Brunel, 1999; Cullin, 2002).

3.6.4. A repercussão do modelo

A repercussão do modelo do amor cortês contribui para a consolidação da ordem, inculcando uma moral fundada em duas virtudes: a moderação e a amizade. Proibindo a captura brutal, substituindo a violação e o rapto pelas etapas medidas do cortejamento, o seu ritual instaurava uma maneira “honesta” de conquistar as mulheres da boa sociedade (Duby, et al., 1992, v 2, 344; Nelli, 1980; Markale, 1983; Grousset, 1998).

3.6.5. O movimento da poesia trovadoresca

O movimento de poesia trovadoresca acontece especialmente na forma como esses sentimentos eram mostrados e expressos. O amor entre homem e mulher passa a ser exprimido em termos de respeito e admiração e mais valorizado que qualquer outro

tipo de sentimento ou relação. A mulher surge pela primeira vez como a “senhora” inspiradora do Amor que pode levar à perfeição (Brunel, 1999; Markale, 1983). Todos os sentimentos que ela inspirava levavam os trovadores a cantá-la; comemorando a sua descoberta, enaltecendo os seus atributos, nomeando todas as suas qualidades que os podia transformar. O espanto do jovem trovador era ainda maior porque quem tinha inspirado tamanha admiração, tamanho amor vivera sempre ao seu lado. Esse espanto, esse impulso levou os poetas músicos e cantores a amarem a ideia do próprio amor. Toda essa ideia foi divulgada através dos jograis ou trovadores, nas canções de amor que influenciaram toda a cultura ocidental (Grousset, 1998). O fenómeno social reside no facto de, pela primeira vez, duas doutrinas – o “Amor” e o catarismo - pretenderem libertar a mulher, neutralizando a noção de pecado carnal. O amor não é pecado, mas virtude, diziam os trovadores (Nelli, 1980, 88). Na região dos cátaros, os trovadores e a sua música vão ao encontro dos ensinamentos sobre o amor da doutrina cátara e as mulheres aproveitam este duplo ensinamento para reivindicar o direito de amar à sua vontade. “Qualquer dama, mesmo a mais honesta, pode amar, se amar” (Nelli, 1980, 88).

3.6.6. O povo cátaro, a sua história e os direitos das mulheres

O catarismo afasta-se extraordinariamente do catolicismo. Ele é, na verdade, muito mais do que uma simples heresia ou do que um desacordo entre um ou mais pontos da teologia; resulta de uma concepção do mundo, de um processo intelectual e espiritual completamente oposto ao do Cristianismo (Nelli, 1980). Para que uma religião tão original se tivesse assim formado, era necessário existir um terreno social favorável, uma civilização original (Nelli, 1998,10). O catarismo no século XII e XIII propagou-se por todas as classes sociais no Languedoc e encontrou defensores em todas classes sociais, tanto nos castelos como em choupanas. Muitos deles, indignados com o comportamento de certos padres romanos, aderiam à chamada heresia albigena. As mulheres pareciam no conjunto mais ligada a esta Igreja porque esta lhe conferia mais dignidade e liberdade ao seu sexo (Nelli, 1980; Lancel, 1998). E foram muitas vezes os interesses sociais que atraíram as mulheres de todas classes sociais para o catarismo. Nos limites das possibilidades oferecidas pelas respectivas classes, as

práticas heterodoxas concediam-lhes, numa medida apreciável, direitos iguais aos dos homens (Nelli, 1980, 11). Embora o investigador alemão, M. Koch, depois da sua investigação sobre o povo cátaro, em 1926, afirmasse que “as barreiras do patriarcado não tenham sido totalmente suprimidas no interior das comunidades femininas cátaras, pois a direcção espiritual dos conventos continuava, em grande parte, nas mãos dos diáconos” (Nelli, 1980,12). As mulheres ocupavam-se da educação das raparigas, dos doentes, das crianças e em contribuir para a prosperidade do seu pequeno artesanato (Nelli, 1980, 12).

3.6.7. Os cátaros acreditavam que as mulheres eram habitadas pelo Espírito Santo

De facto, as mulheres eram perfeitas nesta Igreja, embora não pudessem ascender a graus superiores da hierarquia, o diaconato ou o episcopado. Mas podiam administrar o consolamentum, que era o baptismo espiritual, por imposição das mãos, considerado pelos cátaros como o único verdadeiro baptismo (Nelli, 1980). Os crentes inclinavam-se diante delas e “adoravam-nas” - havia a crença que eram habitadas pelo Espírito Santo, tal como os “Homens Bons”. O culto do Espírito Santo está ligado a muitas e diversas religiões de todos os tempos, em todo o mundo (Santo, 2000). Por exemplo, os sacerdotes da linha Sacerdotal de Qumram acreditavam que as mulheres traziam consigo o poder do Espírito Santo e quando engravidavam tinham o poder de tornar sagrada a unção pelos óleos, como no caso da unção de Maria Madalena a Jesus (Gardner, 2005). Até meados do século XIII, as mulheres perfeitas cátaras tiveram até o direito de pregar por ser considerado um dom do Espírito Santo, mas nunca o utilizaram muito.

3.6.8. As crenças religiosas da Igreja do Amor do povo cátaro

A misoginia não tinha desaparecido totalmente do catarismo, mas o dogma ensinava que as almas assexuadas, eram iguais. Também as reencarnações transformaram tanto os homens em mulheres, como as mulheres em homens (Lancel, 1998; Gardner, 2005; Tincq, 1999). No entanto, a Igreja de Roma há muito que tinha retirado essa crença da

reencarnação, desde o Concílio de Niceia. De igual modo, as mulheres estavam proibidas de exercer qualquer cargo na Igreja, não podiam ser sacerdotes ou exercer qualquer lugar nas paróquias, desde do Concílio de Laodiceia, realizado em 325 (Tincq, 1999). Contudo, as mulheres cátaras continuavam com a sua posição dentro da Igreja do Amor, até ao dia que todo o povo foi exterminado em Montségur, em 1244 (Nelli, 1986). Os cátaros ou os albigenses, como a Igreja de Roma os denominava, também ensinavam que a alma estava prisioneira no corpo e que a finalidade da redenção era conseguir a sua libertação. Rejeitavam os ensinamentos sobre os sacramentos e crenças fundamentais como a ressurreição do corpo, embora acreditassem ter a centelha divina dentro de si, a qual se reflectia na sua própria alma, o seu Cristo Interno. Os seus ensinamentos tinham a ver com o Evangelho de Maria Madalena e de S. João e outros rejeitados pela Igreja de Roma (Lancel, 1998; Nelli, 1980). A Igreja de Roma foi fechando os olhos ao movimento do povo cátaro porque além de não poder sobre a região de Aquitânia, estava enfraquecida por não conseguir consolidar o seu poder, devido a jogos e lutas políticas (Flori, 1999; Nelli, 1980). Em 1116, o Papa Eugénio III entrou numa disputa que provocou uma grande crise com o líder de Roma, Arnaldo de Bréscia, que não queria o Papa na sua cidade. Recusava-se a entregar a cidade de Tivoli. Por causa disso, teve que fugir para Siena e mais tarde para França, onde passou três anos (Grousset, 1998).

3.7. Os concílios da Igreja de Roma e os seus decretos

A Igreja Católica, a partir do Concílio de Elvira, em 305, passa a exigir o celibato especialmente àqueles que praticavam rituais no altar. Mesmo os casados deveriam observar a abstinência sexual (Lancel, 1999). Em 425, no Concílio de Cartago, onde esteve Santo Agostinho, foi decretado que todo o clero deveria separar-se das respectivas esposas, caso contrário seria expulso e perderia todos os direitos sacerdotais adquiridos (Tincq, 1999). Deste modo, sendo solteiro o sacerdote, quando morresse, deixaria toda a sua herança pessoal à Igreja Católica. A Igreja desde do século IV que tinha começado a desenvolver a ideia do pecado através do sexo, para esconder as suas verdadeiras inquietações económicas. Só mais tarde é que fortificou essa ideia do pecado sexual (Delumeau, 1983). O povo cátaro parecia não conhecer ou ignorava todos estes decretos e foi desenvolvendo uma ideia

sobre o amor totalmente diferente dentro da sua Igreja Invisível ou Igreja do Amor. Muitas mulheres dedicavam a sua vida aos outros, conservando o celibato, participando na ideia de um amor platónico com o seu Cristo interior. Muitos especialistas atribuíam a inspiração do Amor Cortês às ideias que o povo cátaro tinha sobre o amor, que por sua vez era influenciado pelo amor de Maria Madalena e Jesus. As mulheres cáteras valorizavam a liberdade amorosa e souberam afirmar a sua autonomia através da via aberta pelos trovadores, reforçando a ideia de que o amor não era um pecado. Viam nele o caminho para a perfeição ou uma via para o ascetismo (Nelli, 1980, 89).

3.8. Segunda cruzada evocando Maria Madalena

A história de Leonor de Aquitânia e a história de Maria Madalena - a primeira realidade, a segunda talvez lenda -, estão ligadas à região do Languedoc, Provença. As duas personagens históricas viveram em épocas diferentes, mas a história de Maria Madalena estava bem viva no tempo de Leonor de Aquitânia, que lhe dedica uma grande e culta devoção, afirmando ser descendente da sua linhagem. Antes de partir com o marido rei de França, Luís VII, para a segunda cruzada, em 1147, Leonor de Aquitânia rumou até à Basílica de Vézelay para prestar homenagem a Maria Madalena (Grousset, 1998). O local obteve grande fama desde o século XI, por a Igreja de Roma afirmar que os restos mortais de Maria Madalena foram para lá trasladados. Leonor, Luís VII e São Bernardo de Clairvaux foram junto da Santa reza e pedir pela Cruzada junto ao seu túmulo, juntamente com a nobreza francesa e flamenga. Cerca de cem mil pessoas assistiram ao acto religioso (Gardner, 2006, 21). Naquela época, a veneração a Maria Madalena estava intimamente associada à Campanha das Cruzadas. Mais tarde, em 1190, também o anúncio da terceira cruzada aconteceu junto ao túmulo de Madalena, na Basílica de Vézelay, por Filipe Augusto rei de França, e Ricardo Coração de Leão, rei de Inglaterra, filho de Leonor de Aquitânia, onde conseguiram obter um entusiasmo similar ao da segunda cruzada (Grousset, 1998).

3.8.1. Leonor de Aquitânia descendente de Maria Madalena

Leonor de Aquitânia, assim como seu avô Guilherme IX, acreditavam que eram descendentes da linhagem de Jesus e Maria Madalena. Não só eles, como também todos os seus antecessores. Pensa-se que a partir dessa ideia, todos os condes que reinaram na Aquitânia foram sendo sempre fiéis a um cristianismo primitivo cuja doutrina os cátaros souberam preservar e inovar, através dos seus cultos ao Amor, com preceitos iniciáticos, cantados pelos trovadores nas suas poesias sobre o Amor Cortês (Rougemont, 1989; Lancel, 1998; Nelli, 1980). Toda a doutrina no que dizia respeito ao mundo da mulher era de igualdade e de liberdade, por isso é natural que Leonor de Aquitânia, educada dentro desses valores, fosse uma mulher tão independente e livre, reflectindo o seu comportamento os ideais do povo cátaro. Leonor de Aquitânia começa a governar como rainha com apenas 14 anos, após a morte do seu pai, em 1137. Leonor, Condessa de Poitiers e Duquesa da Gasconha é a mulher mais rica de França. A morte do pai torna-a a herdeira mais cobiçada, não só pelo seu poder e riqueza, como também, segundo ditam as crônicas, pela sua incomparável beleza, aliada a uma fortíssima personalidade, que foi cantada por trovadores. Acredita-se que teve uma ligação amorosa com o trovador e poeta Bertrand Ventadour (Flori, 2004).

Leonor de Aquitânia casa com Luís VII, em 25 de Julho de 1137 (Flori, 2004). A Igreja Católica tratou desse casamento e, assim que pôde, aproveitou para pedir aos jovens reis apoio para a segunda cruzada, pedido que foi aceite. O jovem casal subsidia e até participa na Cruzada, acompanhando os soldados à Terra Santa. No regresso dessa viagem, Leonor vem praticamente separada de Luís VII por se ter envolvido amorosamente com seu tio governador de Antioquia (Grousset, 1998). Membros da Igreja que acompanharam os reis na segunda cruzada e o Papa Eugénio III tentam a reconciliação, que acaba por durar poucos meses (Grousset, 1998; Markale, 1983).

Como rainha de França, Leonor tem que negociar muitas vezes com a hierarquia da Igreja Católica, que na altura lutava para se afirmar. No entanto, o seu avô Guilherme IX, o Poeta, manteve-se sempre independente da Igreja de Roma e não apoiou a primeira cruzada, por não concordar com a finalidade dessa demanda, assim como todos os membros da sua Igreja Cátara. Leonor, enquanto rainha de França,

parecia também sofrer a influência da Igreja de Roma, cuja hierarquia lutava constantemente dentro da sua corte através dos seus jogos de poder, tentando influenciar o reino que Leonor governava. Mas esta mesma Igreja nunca influenciou Leonor no sentido de deixar de viver ou ter as suas paixões amorosas. Leonor era demasiado independente e poderosa (Flori, 2004; Grousset, 1998). A Igreja de Roma negociava e fazia troca de favores com Leonor. Esta tinha subsidiado a segunda cruzada e o Papa Eugénio III não se esquecendo isso, concedeu-lhe rapidamente o divórcio, por alegada consanguinidade, que sempre se soube ter existido. Apressou também o seu segundo casamento, com Henrique II de Inglaterra (Flori, 2004). A vida amorosa de Leonor de Aquitânia foi muito movimentada e cheias de situações dramáticas. Foi acusada de envenenamento e morte da amante do marido Henrique II, a famosa Rosemund, “a fair Rosemund” cantada pelos trovadores, sendo presa a mando do marido Henrique II. Só é libertada anos depois pelo seu filho Ricardo Coração de Leão, quando morre o rei. A Igreja de Roma fechou sempre os olhos às suas intempestivas relações amorosas, e nem mesmo o facto de ser uma mulher a vivê-las, levantou algum problema, apesar da moral existente no seu seio, em relação aos comportamentos das mulheres e às chamadas más influências que elas pudessem ter (Lancel, 1998). Tudo graças à troca de favores que incluía em grande parte bens materiais, necessários para a Igreja obter poder sobre a sociedade, que sempre desejou controlar (Grousset, 1998; Flori, 2004). Leonor devido ao seu casamento com Henrique II, e por estar mais ligada a Inglaterra, foi-se desligando da sua Igreja cátara e abriu precedentes à Igreja de Roma, com as suas doações para a segunda cruzada e outras contribuições. Esta foi-se fortalecendo com o tempo, conseguindo mais apoios. A Igreja de Roma acabou por exterminar todo o povo cátaro, a sua cultura, a sua Igreja, inaugurando os tempos da Inquisição, restando apenas o culto em Vézelay aos restos mortais de Maria Madalena.

CONCLUSÃO

A ausência da participação feminina na construção da história tem sido sempre justificada, a partir de um discurso masculino que evita quase sempre pôr em evidência as suas causas, porque uma análise a partir de todas estas questões obrigaria à confrontação com toda a problemática das questões sociais de género, aí inscritas. Certas ideias sobre as mulheres, originadas em antigos factores culturais e tradicionais, são comuns em quase todos os países e épocas, além de persistirem e haver dificuldade em modificá-las, estão sempre presentes e bem enraizados nos discursos masculinos e também nos femininos, dentro de uma cultura genderizada que parece não ter consciência das desigualdades existentes no seu seio, e esse facto é revelado por uma atitude neutra ou de achar natural os seus valores desiguais.

Os resultados do presente estudo, permitem reflectir e ponderar sobre as questões de mais relevância e mais significativas a estes níveis, depois de uma abordagem a certas heranças culturais e religiosas do passado que sempre nos têm influenciado. Na história abordada neste trabalho, analisa-se e reflecte-se especialmente, sobre o teor de um discurso feito na Igreja Católica, do Papa Gregório I, em 599 d.C. sobre Maria Madalena, no qual declarou que Maria de Betânia, mulher adúltera e Maria Madalena eram todas a mesma pessoa. Nesse discurso declarou-a de pecadora adúltera e também de possessa. Todo o poder desta nova imagem de Maria Madalena de “pecadora arrependida”, com o decorrer dos tempos levou ao esquecimento de todas as suas outras anteriores representações sociais.

A partir desta nova imagem dada a uma mulher, coincidência ou não, nasceu outro tipo de culto, dentro da Igreja, a do arrependimento do pecado do sexo, cujo perdão era acompanhado com a redenção do pecado Original. Os crentes seguindo o exemplo de arrependimento de Maria Madalena e de penitência desse pecado sexual, seriam perdoados. A seguir a Igreja Católica veio considerar pecado mortal, o acto sexual. E a imagem anteriormente apresentada pelo Papa Gregório I, de Maria Madalena, no seu discurso, de “pecadora arrependida” passou a ser a sua única representação social. Todo o poder da Instituição Igreja, na construção de uma representação social colocado dentro do conceito do que é ser feminino, de um certo modo está reflectido nesse discurso. A partir daquele momento a Igreja Católica ficou com um novo dispositivo de controlo sobre os seus crentes, a redenção do pecado original através do arrependimento, seguindo o exemplo de Maria Madalena.

A força do sentido das palavras, pecadora e adúltera, adquiriu tal poder por a ideia de pecado estar mais associado à imagem da mulher, que é inimaginável atribuí-lo a qualquer homem. De tal modo que não se conhece na história, nenhum homem que seja apelidado de “pecador arrependido”.

Maria Madalena também apelidada de possessa, e curada por Jesus porque lhe teria expulsado do corpo, os sete demónios que simbolizavam, os Sete Pecados Mortais. Essa afirmação parece não passar de uma deturpação sobre a tradição existente em Jerusalém, das almahs ou certas raparigas jovens, de linhagem real serem preparadas dentro dos preceitos do casamento dinástico, que por esse motivo serem vigiadas e reprimidas por os “Sacerdotes dos Sete Demónios”. A existência destes Sacerdotes ligados aos casamentos e suas regras foram encontradas no *Manuscrito de Cobre*, em escavações feitas junto ao Mosteiro dos Sacerdotes Angelicais de Qumram, no sul de Jerusalém. Através das descrições das regras sobre o casamento dinástico, sabe-se o significado das unções e da existência dos Sacerdotes dos Sete Demónios e das suas funções.

O ritual da unção feito por Maria Madalena a Jesus, em Betânia, revela que se tratava do seu casamento dinástico com Jesus. Assim sendo, ela teria sido educada e vigiada até ao casamento pelos “Sacerdotes dos Sete Demónios”, como descrevem as regras. Quando Maria Madalena casou, ficou salva da vigilância, liberta do fardo dos “Sacerdotes dos Sete Demónios”, por ter casado com Jesus. Esses factos teriam sido ignorados ou traduzidos de maneira a ocultar a evidência do seu casamento com Jesus e toda a sua importância espiritual.

Concluí-se que a unção feita em Betânia por Maria Madalena a Jesus tornando-o em um Ungido, ou Messias foi muito importante e também reveladora do seu poder espiritual inerente a uma Sacerdotisa educada em Qumram, no Mosteiro dos Essênios, preparada para um casamento dinástico. Este acontecimento não podia ser revelado era demasiado importante, por dois motivos; Maria Madalena era maior que João Baptista que baptizou Jesus na água do rio Jordão, e ela o crismou pelos óleos, com todo o seu poder de Sacerdotisa Angelical e linhagem real, tornando Jesus Messias através do segundo ritual do Casamento Sagrado, realizado por ter conseguido ficar grávida. Maria Madalena foi considerada simbolicamente pela tradição Cristianismo primitivo como uma encarnação da *Sophia*, a Verdadeira Sabedoria, aquela que pode desposar o *Logos*, ou o Pai Divino (Leloup, 2006,153). Maria Madalena, considerada

por João, como a fundadora do Cristianismo, tudo isto nos revela a sua grande importância e sabedoria.

Maria Madalena, a quem os seus companheiros apóstolos acusavam de lhes tirar a sua supremacia de homens que consideravam legítima, sofre por causa da sua condição feminina, por ser culta e por saber interpretar as palavras do Mestre.

O *Manuscrito de Cobre* revelou algo surpreendente: que os Sacerdotes Angelicais esperavam dois Messias, um dos Messias; o “Messias das Virtudes” teria que ser, da linhagem dos Macabeus, da qual Maria Madalena descendia e outro seria Jesus, da linhagem dos Guerreiros de David. Esperariam os Sacerdotes Angelicais um casal de Messias? Porque dois Messias homens aparentemente não fariam sentido.

Maria Madalena o “Messias das Virtudes”, o seu casamento Sagrado com Jesus da linha de David dos Guerreiros iria repor esses dois lados, de Deus, formando o casal Sagrado de Messias. Seria esse o grande mistério que a Igreja sempre procurou esconder? A ideia de Jesus de repor o Feminino faz parte do arquétipo de uma Divindade perfeita descrita nos ensinamentos da Cabala, pertencentes à religião judaica, e que Jesus tanto defendia. Mas devido à crucificação e à fuga dos discípulos, todo esse projecto falhou. No entanto essa ideia de o ser humano ter as duas polaridades, ressurgiu nestes últimos tempos através dos cultos da *new age* e dos seus conceitos do Yin e o Yang, ou Feminino e Masculino, inerentes a todas novas técnicas de cura e de meditação, deste novo movimento. Este conceito das polaridades foi divulgado por alguns cientistas, através da psicanálise, especialmente na obra de Jung sobre o inconsciente e os seus arquétipos. Ainda hoje é pouco conhecido, na medida que ficou dentro de um círculo restrito de especialistas. O conceito das duas polaridades, bem estudado e estruturado poderá ser transformado num módulo, dentro de um plano curricular de uma disciplina, associada às questões de género, podendo ajudar na análise e reflexão e na desconstrução da ideia do masculino e feminino, a par dos seminários sobre a Cidadania e Igualdade de Género. O conceito do feminino masculino, está descrito na representação da Árvore da Vida da Cabala, mostrando a preocupação que existe desde sempre dentro do ser humano de querer compreender essas duas tendências do seu ser, ou polaridades.

O velho conceito surgiu dentro do movimento da *new age*, com uma nova forma, com outra representação e está a influenciar uma nova maneira de estar e sentir e de pensar da nossa época. O mesmo sucedeu com os velhos valores contidos no Cristianismo primitivo que contribuíram para mudanças na mentalidade do seu tempo

e, cuja influência se estendeu até mais tarde, como demonstra a experiência do povo cátaro, (que só agora começou a ser mais estudada). A história sempre nos mostra que os valores existentes numa sociedade levam muito tempo a ser integrados, assim como, muito tempo a serem erradicados. Não foi bem o caso os valores do povo cátaro que foram brutalmente aniquilados no início do século XIII, com a perseguição da Igreja de Roma, à Igreja do Amor, inaugurando uma forma de terrorismo, ao massacrar sete ou oito mil bons cristãos cátaros na Igreja da Madalena em Béziers, no dia em que se festejava os anos de Maria Madalena 22 de Julho (Nelli, 1980, 26).

Na região de Provença, onde segundo alguns investigadores surgiu pela primeira vez o movimento da poesia trovadoresca e o Amor Cortês, cujas origens estariam na cultura e religião do povo cátaro e da história de Maria Madalena. Talvez por isso o novo modelo do “Amor” tenha sido, rapidamente aceite.

A doutrina da Igreja do Amor e, toda a cultura cátara reflectiu-se no desenvolvimento económico e intelectual de toda a região de Aquitânia tornando-a numa sociedade criativa, rica, especialmente por ter as mulheres envolvidas a par dos homens, por estar independente das normas da Igreja de Roma que nesta altura ainda não tinha poder para impor as suas leis. Para o povo cátaro o sexo não era visto como pecado, caso houvesse por parte dos parceiros amor, este sentimento justificava a união (Gardner, 2005; O’ Shea, 2003; Pickenett & Prince, 2001; Rougemont, 1989; Nelli, 1989).

A história do povo cátaro é um precioso exemplo de uma sociedade que teve um grande desenvolvimento sócio cultural, impulsionados por valores da doutrina da sua Igreja do Amor, originados no Cristianismo primitivo que contemplavam as questões de humanidade, despojamento, fraternidade, e as questões de igualdade da mulher dentro e fora da sua Igreja. Que foram afinal tentativas de uma experiência para a igualdade de género, porque as mulheres tiveram a oportunidade de pôr o seu cunho através da sua participação na sociedade, gravando a sua sensibilidade feminina em todas as coisas, reforçando a ideia que só quando a mulher estiver a viver em parceria, no pleno uso dos seus direitos, é que a sociedade pode atingir o ponto mais completo do seu desenvolvimento. O povo cátaro conseguiu muita coisa apesar da sua curta experiência, talvez por estarem apoiados pelos valores das suas crenças religiosas e pela história de Maria Madalena.

Bibliografia

- Abellio, Raymond.(1965). *La Structure absolue*. Gallimard, 1ª ed.. Paris.
- Adoum, Jorge. (1994). *Do Sexo Á Divindade*. Editorial Pensamento 7ª ed.. S. Paulo.
- Alexandrian. (1991) *A História da Literatura Erótica*. Circulo dos Leitores. Lisboa.
- Alleau, René. (1990). *A Ciência dos Símbolos*. Edições 70. Lisboa.
- Amâncio, Lígia. (1994). *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Afrontamento 1ª ed.. Porto.
- Aristóteles. (1986). *Poética*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa.
- Évola, Julius. (1976). *A Metafísica do Sexo*. Edições Afrodite 1ª. Lisboa.
- Bachofen, J.J. (1973). *Myth e Region and Mother Right*. Princeton - University Press. New York.
- Bayley, Harold. (2003). *Lost Language of Symbolisme*. 1º v. , Kessinger Publishing Co. Londres.
- Barclay, James.(1960).*The Mind of Jesus*. Harper& Row. Nova Iorque.
- Beauvoir, Simone. (1975). *O Segundo Sexo*.1º v. e 2º v. Livraria Bertrand. Lisboa.
- Berger, P. & Luckmann. (2004) *A construção social da realidade*. Dinalivro. S. Paulo.
- Blavatsky, H.P. (1973) *A Doutrina Secreta*.1ª v., editora Pensamento. S. Paulo.
- Bishop, Clifford. (1997). *Sexo e Espírito*. Círculo de Leitores 1ª ed.. Lisboa.
- Bingen, Hildegarda von. (2004). *Flôr Brilhante*. Assírio & Alvim. Lisboa.

- Brunel, Genevieve.(1999). *Na Época dos Trovadores*. Lobrichon - Hachette. Paris
- Butler, Judith. (1990) *Problemas de Género*. Editora Civilização Brasileira. S. Paulo.
- Chevalier, Jean e Alain Gheerbrant. (2002). *Dicionário dos Símbolos*. Teorema 1ª ed. Lisboa.
- Corbin, Henry (1979). *Corps spirituel et terre céleste*. Buchet - Chastel. Paris.
- Correia, Natália. (2000). *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. Antígona. Lisboa.
- Compton, Rosemary. (2006). *Employment and the Family*. Cambridge University Press. Cambridge.
- Cullin, Olivier. (2002). *Breve história da música da Idade Média*. Fayard. Paris.
- Cruden, Alexander. (1891). *Complete Concordance to the Old and New Testament and the Apocrypha*. Frederick Warne. London.
- Daniélou, Alain. (1988) *Shiva e Dionysos*. Fayard. Paris.
- Delumeau, Jean. (1983). *O pecado e o medo no Ocidente*. Fayard, 2ªed. Paris.
- Desjardins, Arnaud. (1988) *Les chemins de la sagesse*. Table Ronde, Payot, 5ªed.. Paris.
- Dias, M. Julieta e Paulo M. Pinto. (2006). *A verdadeira História de Maria Madalena*. Casa das Letras 1ª ed.. Lisboa.
- Duby, Georges e Michelle Perrot. (1990) *História das Mulheres*. Edições Afrontamento. Porto.

Dufourcq, Norbert. (1977). *Antologia da Música Europeia*. Editora Discográfica e Livreira, Sasseti. Porto.

Durand, Gilbert. (1983). *O Mito e Sociedade*. Editora Regra do Jogo. Lisboa.

Eco, Umberto. (1981). *A Definição da Arte*. Edições 70. Arte & comunicação. Lisboa.

Elias, Norberto. (1990). *O processo civilizacional*. 2ª v., Publicações D. Quixote. Lisboa.

Eisenman, Roberto H. (1983). *Maccabees, Zadokites, Christians and Qumran*. E.J. Brill, Leiden. Londres.

Émile Gillibert. (1985). *Évangile Selon Thom*. Métanoia. Paris.

Faludi, Susan. (2001). *Backlash*. Editora Rocco Ltda. Rio de Janeiro.

Ferreira, Virginia. (1999).” A Segregação Sexual do Mercado de Trabalho.” Perspectivas teóricas e políticas” *Sociedade e Trabalho*, (6), 40-56.

Fiadeiro, Maria Antónia. (2001). *Mulheres do Século XX*. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa.

Freire, Luísa. (2007). *Tanka Séculos IX a XI*. Assírio & Alvim. Lisboa.

Fiadeiro, Maria Antónia. (2001). *Mulheres do Século XX*. Câmara Municipal de Lisboa.

Figueiredo, António Pereira. (1842). *A Bíblia Sagrada*. Tipografia - Vapor de Eduardo Rosa. Lisboa.

Freitas, Lima. (1975). *O Labirinto*. Arcádia. 1ª ed. Lisboa.

Flori, Jean. (1999). *Alliégor d'Aquitaine: la Reine insomise*. Fayard. Paris.

- Freud, Sigmund. (2002). *O mal – estar da civilização*. Imago Vozes. Rio de Janeiro.
- Foucault, Michel. (1991). *As Palavras e as Coisas*. Edições 70. Lisboa.
- Foucault, Michel. (1977). *Vontade de Saber*. Edições António Ramos. Lisboa.
- Foucault, Michel. (1984). *Vigiar e punir*. Vozes. Petrópolis.
- Foucault, Michel. (1977). *História da Sexualidade*. 1ºv. Edições António Ramos. Lisboa.
- Gardner, Laurence. (2005). *O Legado de Maria Madalena*. 1ª ed. Editora Madras, Ltda. S. Paulo.
- Giddens, Anthony. (2008). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian. 6ª ed. Lisboa.
- González, Migene. (2005). *As Chaves dos Céus, Jesus e a Cabala*. Europa América. Lisboa.
- Grout, Donald J. e Palisca. (1994). *História da Música Ocidental*. 1ª. ed. Gradiva. Lisboa.
- Grousset, René. (1998). *A Epopeia das Cruzadas*. Europa – 1ª. ed. América. Lisboa
- Guénon, René. (1991). *O Rei do Mundo*. Colecção Esfinge. 1ª. Edições 70. Lisboa.
- Hervás, Ramón. (2005) *O grande Segredo da Igreja*. 1ª. ed. Editorial Estampa. Lisboa.
- Holmes, Mary. (2007). *What is Gender?*. Sociological Approaches. Sage. Londres.
- Humm, Maggie. (1995). *Dictionary of Féminist Theory*. 5º. ed. Ohio State University Press. U.S.A.
- Husain, Shahrukh. (1997). *Divindades Femininas*. 1ª. Circulo dos Leitores. Lisboa.

Jung, C. G. (1981). *The Archetypes of the Collective Unconscious*. Nova Jérĩa. U.S:A.

Loraux, Nicole. (1981). *Les Enfants d'Athéna*. Gallimard. Paris.

Kerényi. (1974). *Goddesses of Sun and Moon*. 1ª. ed., Spring Publications. New York.

Kerényi. (1994). *Myths of Divine*. 5ª. ed., Oxford University Press. New York.

Koltuv, B. B. (1986). *The Book of Lilith*. 2ª. ed., Nocilas-Hayas, Beach. Maine.

Krames, Samuel. (1969). *The Sacred Marriage Rite*. 3ª. ed. Bloomington, IN: University of Indiana Press. U.S.A.

Kristeva, Julia. (1980). *História da Linguagem*. 1ª. ed. Coleção Signos, Edições 70. Lisboa.

Kristeva, Julia. (1984). *O texto do romance*. Horizonte Universitário. 1ª. ed., Livros Horizonte. Lisboa.

Quéré, France. (1982). *Les femmes d'Evangile*. 3ª. ed. Seuil. Paris.

Quéré, France. (1988). *Evangelhos Apócrifos*. 1ª. ed. Estampa. Lisboa.

Janson, H. W. (1977). *História da Arte*. 3ª. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Jodelet, Denise. (2001). *As Representações Sociais*. 3ª. Eduerj. Rio de Janeiro.

Josephus, Flavius. (2008) *Seleções Flavius Josephus. História dos Hebreus*. 1ª. ed. Madras Editora. S. Paulo.

Jovchelovitch, S. (1994). *Representações Sociais*. Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro.

- Lancel, Serge. (1999). *Saint- Augustin*. Fayard 2^a. ed. Paris.
- Leloup, Jean-Yves. (2006). *O Evangelho de Maria, Miryam de Mágdala*. 10^a. ed., Editora Vozes. Petrópolis Rio de Janeiro.
- Leroi, André e Gourhan. (1984). *Evolução E Técnicas*. 1^a. Ed. Perspectivas do Homem, edições 70. Lisboa.
- Lisboa, Manuel. Zélia Barroso. Joana Patrício. Alexandra Leandro. (2009). *Violência e Género*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Lisboa
- Lutterworth. (1994) *Dictionary of the Bible*. 3^a. ed., Watson E. Mills. Cambridge, London.
- Macquitty, W. (1976). *Island of Isis: Philae, Temple of the Nile*. 1^a. ed., Book Associates. Londres.
- Markale, Jean. (1983). *Alienor d'Aquitaine*. 4^a. ed., Payot. Paris.
- Michelet, Jules. (1974). *Sobre as Feiticeiras*. 1^a. ed., Edições Afrodite. Lisboa.
- Moscovici, Serge. (2003) *Representações Sociais*. 1^a. ed. Vozes, Petrópolis. Rio Janeiro.
- Moscovici, Serge. (1994). *Textos em Representações Sociais*. 3^a. ed. Editora Vozes. Petrópolis.
- Munckur, B. (1983). *The Cult the Serpent*. 1^a. ed. State University of New York Press. New York.
- Nelli, René. (1980). *Os Cátaros*. 1^a. ed. Edições 70, colecção Esfinge. Lisboa.
- Newman, Bárbara. (1989). *Música*. 2^a. ed. Cornel University Press. New York.

- Nöel, J. E. M. (1987). *Dicionário da Mitologia Universal*. 1ª. ed., J. E. M. Edicomunicacion. S.A. Barcelona.
- Nogueira, Conceição. (2001). *Um Novo Olhar Sobre as Relações de Género*. 1ª. ed. Gulbenkian. Lisboa.
- Ò Shea, Stephen. (2003). *A Heresia dos Cátaros*. 1ª. ed. Edições Asa. Lisboa.
- Patricia e Richard Gillan. (1978). *A Terapia Sexual*. 1ª. ed. Edições 70, Persona. Lisboa.
- Perrot, Michelle. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP, EPUSC. S. Paulo.
- Perrot, Michelle. (1996). A história é feita de greves, excluídas & mulheres. *In Tempo Social*. Revista de Sociologia USP. S. Paulo, 8 (2):191-192.
- Platão. (1988). *Timeu e Crítias ou A Atlântida*. 5ª. ed. O Hemus. S. Paulo.
- Picknett&, Lynn & Clive Prince. (2001). *O Segredo dos Templários*. 1ª. ed. Edições Europa América, 1ªed. Lisboa.
- Pimentel, Irene. (2000). *História das Organizações Femininas no Estado Novo*. 1ª. ed. Circulo dos Leitores. Lisboa.
- Powell, Arthur. (1983). *O Duplo Etérico*. 1ª.edição. Editora Pensamento. S. Paulo.
- Rajneesh, Bhagwan Shree, (1981). *Le livre des secrets*. Soleil Orange. Paris.
- Rougemont, Denis. (1989). *O Amor e o Ocidente*. 2ª. ed. Editora Vega. Lisboa.
- Sá, C.P. (1998). *A construção do objecto de pesquisa em representações sociais*. Eduerj. Rio de Janeiro.

Santo, Moisés Espírito (2000). *A Religião na Mudança*. Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

Starbird, Margaret. (2006). *Maria Madalena e o Santo Graal*. 1ª. ed. Queizal Editores. Lisboa.

Strauss, Claude Lévi. (1981). *Mito e significado*. 1ª. ed. Edições 70. Lisboa.

Taylor, Gladys. (1974). *Our Neglected Heritage*. 1ª. ed. Covenant Books. London.

Taylor, J.W. (1969). *The coming of the Saints*. 2ª. ed. Covenant Books. London.

Teixeira, Edmundo. (1988). *A Bíblia e Você*. 1ª. ed. António Flávia Livros. S. Paulo.

Thiering, Barbara. (1992). *Jesus the Man*. 2ª ed. Transworld. London.

Till, W.C. (1972). *Escritos Gnósticos Coptas do Papiro de Berlim*. 3ª. ed. Vozes. Petrópolis.

Tincq, Henri. (1988). *Os Génios da Humanidade*. 1ª. ed. Gradiva. Lisboa.

Walker, Barbara G. (2002). *Dicionário dos símbolos. Objectos Sagrados*. 1ª. ed. Planeta Editora. Lisboa.

Watts, Alan. (1991). *Amour et Connaissance*. 2ª. ed. Dencël Gonthier. Paris.

Wilson, R. McL.(1962). *The Gospel of Philip*: 1ª. ed. Translated from the Coptic Text. A.R. Mowbray. London.

MAPAS

BLOODLINE OF THE HOLY GRAIL

Ancestors and Descendants of Jesus from King David to King Arthur











